

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE.

Dirigir todas as pedidas de assinaturas e números
avulsos : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 421, rue
da Atalaia, Lisboa; e no Brasil, ao sr. JOSÉ DE
MELLO, 38, rua da Quintela, Rio de Janeiro.

Prix du numéro à Paris, 7 francs.

3.º ANNO. — VOLUME III. — N.º 5.

PARIS 5 DE MARÇO DE 1886

Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS

ANNO (CORRESPONDENTES)
SEMIANNUALMENTE RECUPERADO
ANNO (SUBSCRIÇÕES)
ANNUALMENTE RECUPERADO
AVULSO

15,000 REIS.
6,000 —
14,000 —
500 —



ADELINA PATTI

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o PROXIMO NÚMERO da ILLUSTRAÇÃO, em que publicaremos um magnífico retrato de Sua Alteza a

PRINCEZA AMELIA D'ORLEANS

a noiva de Sua Alteza o Príncipe D. Carlos de Portugal.



CHRONICA

OS SRS. SOCIALISTAS

DEPOIS do que se passou em Londres, devemos comitir em duas coisas:

— Que ser socialista ou « operário sem trabalho », é a mais invejável e a mais lucrativa das posições que um homem pode ambicionar sobre a terra;

— E que todo o indivíduo estranhado política, que se reconhecer possuidor d'uma triste nota de 10.000 reis ou d'uma inscrição de 100, a primeira causa que tem a fazer para garantir a própria pele, — é arruinarse no jogo ou comprar um revolver!

Desde a invenção dos relógios até hoje, nunca ninguém tinha pensado que seria um perigo e ao mesmo tempo a expressão de opiniões mais ou menos reaccionárias, possuir um objecto d'ouro ou de prata, com um mostrador, dois ponteiros e dois buracos para dar corda e acertar as horas...

O mais que podia acontecer a quem possuía semelhante máquina, era gastar a fortuna e a paciência com os relojoeiros, ou aguçar a cubica d'um creado, a tal ponto — que um dia a justiça se via forçada a agarrar pela gola da jaqueta o ladrão, e a metê-lo na cadeia.

Eis a quanto podia arrastar a loucura de comprar um objecto que tem por único fim — fazer com que se fale a todos os rendez-vous que nos dão e se percam todos os comboyos!

Sómente, desde o dia 8 de fevereiro, segundo se pode ver em Londres, trazer um relógio e mesmo uma bolsa com dinheiro, equivale a uma provocação a todo o partido socialista... I.E. como na opinião do sr. Calmo e do sr. de Bismarck, com homens tem mais probabilidades de dar cabo d'um homem, do que dez ou cinco — diante d'uma tal provocação e d'um tal insulto, grupos de cem socialistas em nome de Revolução de 93 e dos Direitos do Homem e da Propriedade é um Roubo, cahiram simultaneamente sobre imprudentes transeuntes que tinham tido a audácia de sair para a rua com relógio na algibeira e dinheiro na bolsa — despojando-os de semelhantes atributos offensivos ao princípio da Revolução e às opiniões d'aquelas senhoras...

Não sei se nós devemos tornar-nos sérios, ou desatar a rir em face da insoléncia e da audácia dos srs. socialistas.

Não sei se nós devemos armar d'uma garrafa ou d'um revolver, na perspectiva de um dia nos encontrarmos frente a frente com os anarchistas, como há pouco se encontraram os pacíficos moradores de Londres.

Porque este modo de impôr uma doutrina qualquer, passa todos os limites da fantasia e da audácia política.

Um bando d'aventureiros, d'invejoso e de criminosos, anuncia um dia ao mundo inteiro que o povo suffice — como se o sofrimento não andasse eternamente ligado à vida — e que vai mudar instituições e governos, para salvar o povo da miséria e liberal-o d'aquelas que o exploram e o torturam.

O primeiro cuidado d'estes aventureiros que se occultam sob o nome enigmático de socialistas, é fazer saltar por meio da dynamite os palácios mais belos das cidades, ou largar-lhes fogo, como em 1871, quando os cavaleiros da mesma confraria social queimaram em Paris as Tuilleries.

E dar cabo das instituições e dos governos, não à força de critica e de sá philosophia como Rochefort e como Proudhon — mas por meio d'armas pretas ou armas brancas, já metendo balas no corpo dos reis, já metendo facas no buxo dos ministros.

E achando que estes meios não eram suficientes para escalar o poder, os srs. socialistas em vista da pertinacia da sociedade em não querer ouvir os seus maus discursos e em castigar os seus crimes — entendendo que este assassino é o homem que mata por odio político, como o homem que mata por odio pessoal — os srs. socialistas decidiram ultimamente o seguinte:

Convidar o povo a grandes meetings. Oradores na posse de todos os velhos machinismos rhetoricos, mostraram a esse mesmo povo que se ele come bacalhau com batatas e sardinhas assadas, enquanto os ministros comem ao almoço, caviar, ovos com presunto e salmão frio; se ele bebe zurrapa, enquanto os ministros se permitem o gosto d'uma garrafa de Chablis — a culpa é apenas do povo que é de direito soberano, mas que é tóto por uso e costume.

E depois de apanharem o povo bem convencido de que a causa mais facil d'este mundo é deixar de ser tóto e passar a ser soberano, trazar a sardinha assada pelo salmão frio, a zurrapa por Chablis ou Sauterne, dizem-lhe o seguinte, por estas ou outras palavras:

« Povo! Os nossos avós, em 89, tomaram a Bastilha e arrazaram-na. É pena, por que nada temos hoje que tomar, nem deitar abaixo! Resta-nos porém a provocação eterna da rigidez ao proletariado, que se traduz nessas lojas onde se vende tanta coisa bóna, n'esses indivíduos que passam ao nosso lado, em plena rua, de relógio e dinheiro nas algibeiras.

« Povo! Eis a moderna Bastilha que é necessário conquistar e arrasar. A ella, meu povo, a viciar! »

E os oradores saltando das tribunas, empunhando baionetas vermelhas e collocando-se à frente da multidão, foram caminhando para as ruas mais ricas e mais luxuosas de Londres.

As senhoras que encontravam na sua passagem, arrancavam os anéis, os broches, os brincos, as pulseiras e os mantos forrados de pelles.

Aos homens, como alguns tivessem a natural ingenuidade de se defender e de protestar, agarravam-os pelos braços, levavam-os d'entre as paredes — e tiravam-lhes o dinheiro, o relógio, o chapéu e o casaco.

E entrando pelas lojas partiam as vitrines, tiravam os objectos de maior valor, e isto em

tão grande escala, que só da loja d'um ourives de Londres roubaram joias num valor superior a 20 contos de reis!

E diante d'esta multidão desordenada, amedrontada, terrível; diante d'esta invasão de bandidos e de maltrapilhos roubarão os transeuntes e saqueando os estabelecimentos, a polícia achava-se impotente e cruzava os braços, sem poder oppôr ao socialismo triunfante a menor resistência...

— Mas os autores d'estes crimes, d'estes roubos e d'estes ataques à mão armada, pelo menos os amotinadores, foram presos no dia seguinte, e as suas cabeças expostas na mesma praça onde se realizou o meeting e donde partiu a onda, em signal de satisfação dada ás victimas?...

Ingenho leitor e amigo meu!

Bem se vê que não estão no movimento, que nadar percebes das imunidades que hoje disfracam todos os homens que se dizem revolucionários.

Antigamente, quando nossos avós pensavam fazer uma revolução, — revoluções que nada tinham que se pudesse comparar a esta lama que hoje fermenta por toda a Europa, a essa estranha política que cobre o velho continente — o menos que artificavam era a cabeça, quando não eram também as cabeças da esposa e dos filhos. Era esta ideia constante do perigo que os purificava, que lhes purificava o espírito e as ideias, conspirando apenas em nome da Justiça e em proveito da Humanidade.

Hoje já não ha revolucionários — hoje ha apenas desvairados, maniacos e bandidos. A revolução francesa, apesar de se ter coberto de nodos com o sangue de Luiz XVI e de Maria Antonieta, não aproveitou um tal movimento nem para roubar nas ruas os transeuntes, nem para saquear as lojas. Terrível e sanguinolenta como foi, nunca praticou nenhum acto que não fosse inspirado por um principio ou por uma doutrina bem ou mal comprehensanda. O historiador tem que regular as suas contas com revolucionários, e não com ladrões e assassinos. 93 pertence à historia de França e não aos castigos dos tribunais franceses...

Mas hoje tudo mudou de figura. Berrando contra Oppressores que não existem e contra Bastilhas que ainda menos existem, os revolucionários modernos chamam-se socialistas nos países monárquicos e anarchistas nos países republicanos como a França.

Ser socialista ou ser anarchista dá direito ao seguinte:

A publicar jornais ou brochuras onde se dirigem os maiores insultos ou se dizem as ultimatinhas aos homens que vivem nas regiões do poder;

A empregar a dynamite para fazer saltar monumentos, e a espingarda para fazer saltar miolos;

A convocar todo a escoria social para roubar nas ruas os transeuntes e saquear os estabelecimentos dos particulares;

E passar as noites tranquillamente, na firme certeza de que nem se é preso pela polícia, nem um executor d'altru justiça faz ao socialista a justiça de lhe separar a cabeça do tronco.

E de quem é a culpa?... Quem é o culpado d'esta falta de segurança dos cidadãos, d'esta falta de respeito á propriedade individual?...

O Estado! os governos!

Sim, meus senhores, o Estado, os governos, que permitem em países — como Portugal — que a política se faça a golpes d'insoléncia e a

golpes d'insânia, chegando hoje a ter por único diâsparo d'estilo o mesmo que serve para as dissensões entre logarejas, entre cartoleiros e entre peixeiros.

É do centro d'uma Republica que lhes escrevo, d'uma capital como Paris que tem visto de tudo, desde as orgias de Francisco I até às indecências e às infamias da Communa. Pois o primeiro cuidado d'essa Republica, o primeiro cuidado dos verdadeiros republicanos, foi limpar a imprensa de todas essas licenças e de todos esses abusos de linguagem, que tanto emporcalham um paiz e tanto o desacreditam no estrangeiro.

Que confiança podem merecer aos verdadeiros e honestos cidadãos, individuos que fizeram a sua aprendizagem política atirando pedras aos governos e cuspido mentiras sobre todos os ministros?

Eu poucas vezes me deixo levar por assuntos politicos, recebendo sempre a terminar uma chronica, não ter em minha casa bastante agua e bastante sabão — para me lavar. E tambem, por que não desejo ferir pessoas que eu tenho a certeza de que, sór da politica, são dignas da estima da gente de bem.

Mas reparem no que se está passando em Portugal. Ha cinco annos que o partido progressista procura convencer o paiz que o partido regenerador é composto de ladrões. E agora é o partido regenerador que vai procurar convencer o paiz que só ha ladrões no partido progressista. E isto não fallando no partido republicano, que tambem procura convencer o paiz que os dois partidos citados não passam d'uma quadrilha de saltadeiros...

Ora é esta maneira de criticar e de combater que anima os socialistas a façanhas como as de a Londres e nos faz pensar que o primeiro cuidado de todo o homem independente — é estar em casa armado até os dentes, para responder aos proximos ataques da canibalha invasora!

MARIANO PINA.

ULTIMA RÉCITA

A MEMÓRIA DO ACTOR JOSÉ CARLOS DOS SANTOS.

*Numa pequena alcova, honesta, limpa, escura,
Gene desfeito o grande actor agonizante,
Siondo e inverte, informe, exzaga à sepultura,
Soltanto da garganta a custo um som vibrante,*

*Um vispido sterfor, — tão ruivo, tão violeta
Com o aspero ranger do moinho abandonado,
Negro ao alto do monte, a quem de noite o vento
Prestige perramente o círculo escalavrado... .*

*Que tragica ruina!... Havavelmente bello!
A lívida cabeça, entre as brentanas frias,
Parece uma caveira esparsa com cabelo,
De lueltas aques uns óbitas rosas... .*

*Ameia Vicira, ao pé, dobrada sobre o leito,
Vigia enclosa e dóce o pulso ao moribundo;
Um soluçor medonho espredaca-lhe o peito,
Enfarrapala-a alma um desespero fundo.*

*Os filhos, a rezar, em grupo dolorido,
Corria-nos d'uma aureola a luz do candeeiro,
Cujo branco abat-jour rae no mogao polido
D'um mostel colossal, que lhe fica freteiro,*

*Reflectir alongada e merecenria e baça
Uma lagrima enorme, una angustia suspeita...
Emquanto o sterfor range e soloca a desgraça,
E paira no ambiente una affligção immensa.*

*No delírio da febre o pobre martyr sente
Dos triunfos de outrora o commógo sagrado,
Quando ao calor genial da sua paixão ardente
Lhe decretava a gloria a sala arrebatada.*

*Ante a sua apagada e fadida pupila
Das grandes creações o lucido cortezo
Ergue-se, falia, vive, agita-se, desfila
Na penumbra do quarto... .*

— O Feder!... Céus! que veja!... .

*— O Antony vem fada... o Mortimer recita
— Uma treta... o bom d'Alcira deplora
— Vê-me assim... Iain ri... Tartufo, esse tirita
— De sensualidade... o Luiz XVI chorar!... .*

*E o desgracado actor, n'am tormento horroroso,
Sente-se enigmatical aos golpes da saudade
Inassivel, mortal, do bom tempo radioso
Em que viver podia aquella sociedade!*

Aloneado, perdido:

— «Amelia! Amelia!» — exclama.

— Que tens?... .

— «Depressa! o meu papel de Demi-Monde!» —

— Não o acho!... .

— «Achava-o eu!... mas estou preso à cama!» —

— Socega... .

— «E o Marquez de Villemer, à onde?

Para?... .

— «Também não sei, meu Deus!»

— Olha, né sobre

Aquela mega... ah! ah!... dentro da pasta.» —

— É outro?... .

— «Vá lá bem!... »

— Vida d'um rapaz pobre.»

— Que acto?... .

— O 4.^o»

— «Bom, bom!... Da-me a deixa... Basta.» —

*E no silêncio então da alcova honesta e fria,
Cadaverico, hirto, o Santos recitou,
— Estrangulada a voz no ralo da agonia,
Um trecho do papel de Maximo Odior... .*

16 fevereiro 86.

ABEL ACACIO.



AS NOSSAS GRAVURAS

ADELINA PATTI

E HOJE o assumpto de toda a Lisbon mundana — esta bella e celebre cantora que ha perdo de vinte annos encosta a Europa, de lado a lado, com o cuido do seu successo.

Lisbon vao saclar-se assim! Como todos as outras capitais do velho e novo mundo, vao ouvir a Patti, louvada Deus! já não era sem tempo. No entanto — o astro principia a esconder-se no ocaso, com é usual com todos os astros, quer elles gravitem no espaço azul, quer elles tenham a vida luminosa da azena.

Paris ainda ha poucas semanas a ouvio no *Eden-Théâtre*. Sobre o caza, disse magnificamente com justiça, na chronica do numero antecedente da *Ilustração*, o nosso director Mariano Pina. Chamamos para elle ainda uma vez a atenção de todo o pequenino mundo galante de S. Carlos.

* * *

Adelina Patti, nasceu em Madrid em 1843, onde seu pai e sua mãe cantavam na opera italiana. Conta hoje porlante 33 annos. Não se lhe pôde cantar positivamente a primavera da vida — é uma primavera um pouco madura de mais.

Em 1848, os seus pais embarcaram para New-York onde o director do Theatro-Italiano d'aqueila cidade, Mauricio Streicher tomou sob sua proteção a pequenina Adelina. Aos oito annos já a letura direi debutava num concerto. Mine Alboni — uma estrella d'epoca — predissera a radiosa carreira d'aqueila creança tão extraordinariamente inteligente. Adelina Patti, depois, percorreu ainda, sempre entre os maiores aplausos, as primeiras salas de concerto em Philadelphia, Boston, Nova-Orleans e Havana. À idade de nove annos cantou, na Ilha de Cuba, em varios theatros do archipelago das Antilhas e das margens do Pacifico.

Aos treze annos voltou para New-York, depois de ter dado trezentos e tantos concertos; ali completou a sua educação musical e em 1859 debutou no Theatro-Italiano, no papel de Lucia, onde obteve um sucesso brillantissimo.

De New-York seguiu para Londres onde obteve um novo triunfo com a *Sonnambula*, depois Madrid e por fini Paris em 1862. Tinha então a Patti dezenove annos. Os jornaes parisienses d'aqueila epocha declararam-na artigos extraordinarios e todos os criticos lhe renderam o prelio da mais sincera admiração.

Em 1868, no aito de todo o seu renome casou com o marquez de Caux que a elevou a marquesa do mesmo titulo. O consorcio não foi dos mais felizes. Pouco tempo depois, heure separação de bens e de corpo e Patti casou, annos depois, com o celebre tenor Nicolini.

É esta a mulher que os leitores tem de admirar em S. Carlos — pelo prisma de vinte annos de reputação feita, na imprensa europeia. Adelina Patti acha-se um pouco cansada. Mais annos menos anno é uma diva que abra fallacias.

Pelo que não baixarão os fundos publicos, temos esta convicção.

UMA CAÇADA EM CHANTILLY

NOS dois ultimos numeros da *Ilustração*, quando publicámos os retratos do sr. conde de Paris e do sr. duque d'Aumale, os futuros sogro e tio de S. A. o príncipe D. Carlos — aludimos às festas dadas nos dominios da Eu e de Chantilly em honra do príncipe herdeiro de Portugal.

Hoje podemos oferecer aos nossos leitores uma curiosissima scena das caçadas de Chantilly, desenhada por um artista que assistiu a esta festa cynegética.

As matos de Chantilly, propriedade do sr. duque d'Aumale, as mais belas de França, ocupam uma extensão de 3.000 hectares de terreno.

O costume em Chantilly é caçar duas vezes por semana, às segundas e às sextas quando o duque está no castello, e todos os cinco dias quando elis está ausente.

Chantilly possue uma das matilhas mais célebres da Europa, formada de 220 cães, e nas matos vivem 500 porcos bravos e 200 veeados.

No nosso desenho vê-se o duque d'Aumale a cavalo, tendo à sua esquerda S. A. o príncipe D. Carlos de Bragança — que deixou Paris no dia 22 de fevereiro, seguindo para Cannes em companhia da sua noiva, do sr. conde de Paris e do sr. duque de Chartres. E no dia 2 de março devia ter seguido de Cannes para Lisboa.

CONSELHOS ANTIGOS

Ama-se a gloria, teme-se a vergonha, e contudo não se resiste ao vício. E collocar-se no meio d'un pantanal, quando se tem medo da humidade.

★

O artista que quer trazar um círculo perfeito deve empregar o compasso. O homem que quer cumprir perfeitamente com os seus deveres, deve estudar as lições e os exemplos dos sábios.

★

Tu queres parecer honesto e moderado! Mas o homem honesto não insulta ninguém: o homem moderado, contente com o que possue, não faz mal a ninguém.

★

Apreciar os homens de talento e os sábios e recusar-lhes a intimidade de que elles são dignos, é considerar-los, e fechar-lhes ao mesmo tempo a porta na cara.

★

Um cultiva a sua inteligência, vai tomar lugar entre os grandes homens: outro, occupa-se apenas do corpo, continuará a viver entre o vulgo.

★

Quantos homens se não importam com as suas terras, e se permitem opiniões sobre as do vizinho!

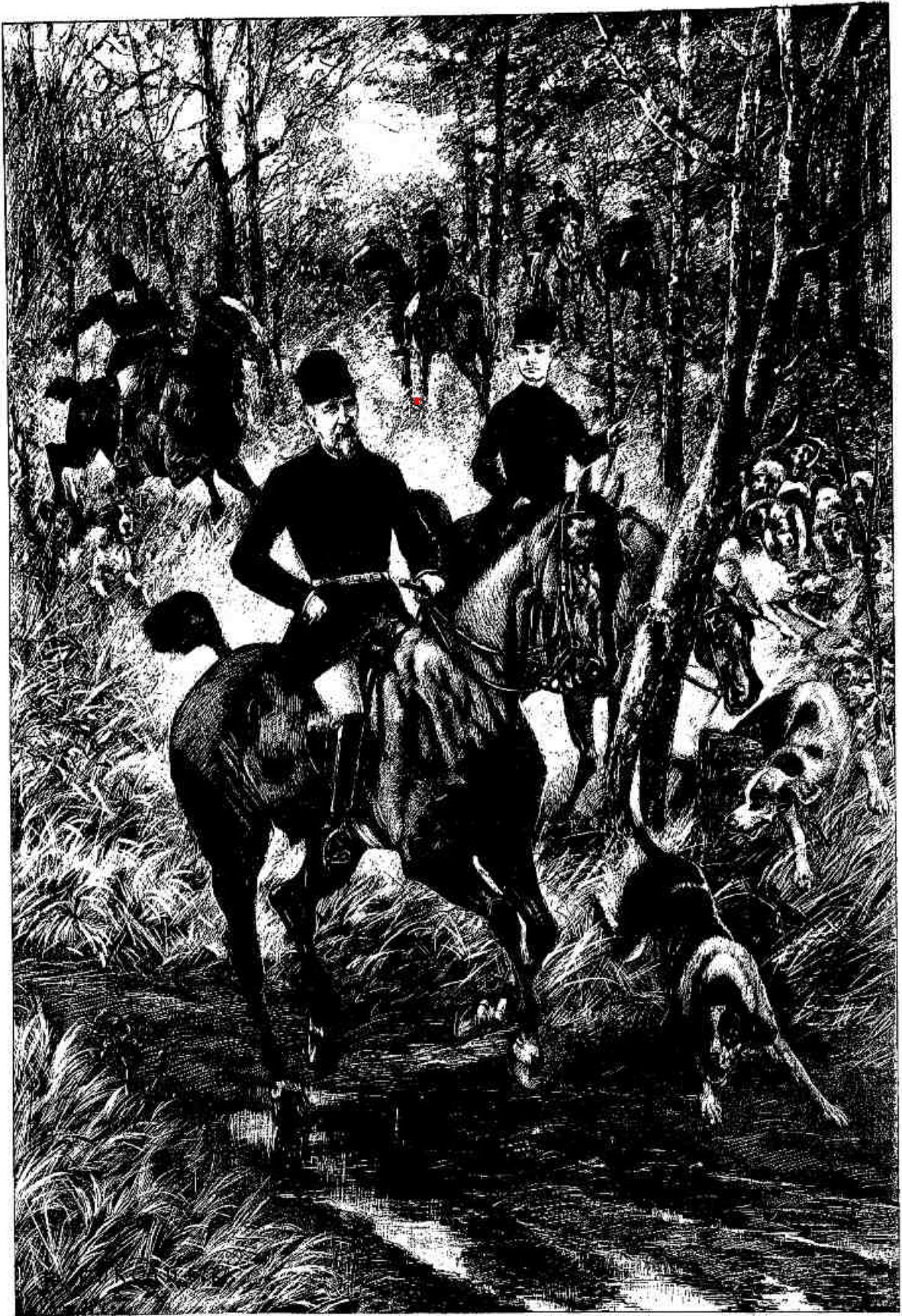
★

É uma vergonha illudir aquelles que vivem comovidos: mas ha um crime mais odioso: ainda — é mentir a posteridade.

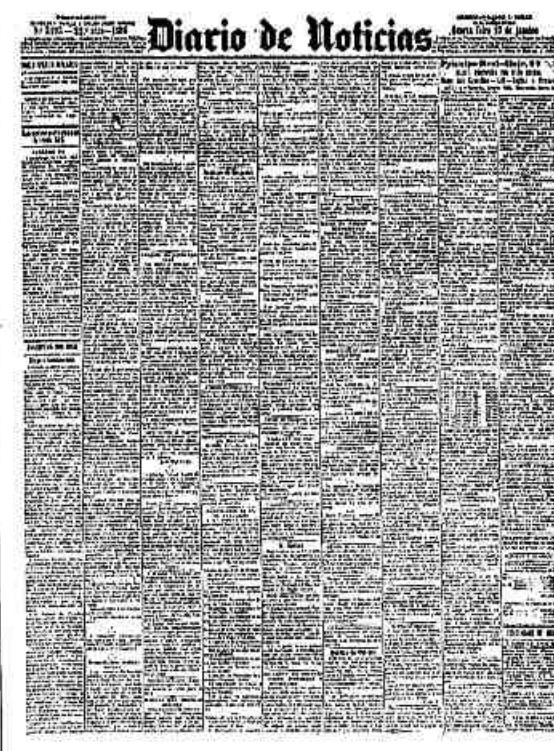
★

Não se deve escrever n'un momento de chulera. Uma phrase é muitas vezes mais terrível que uma punhalada!

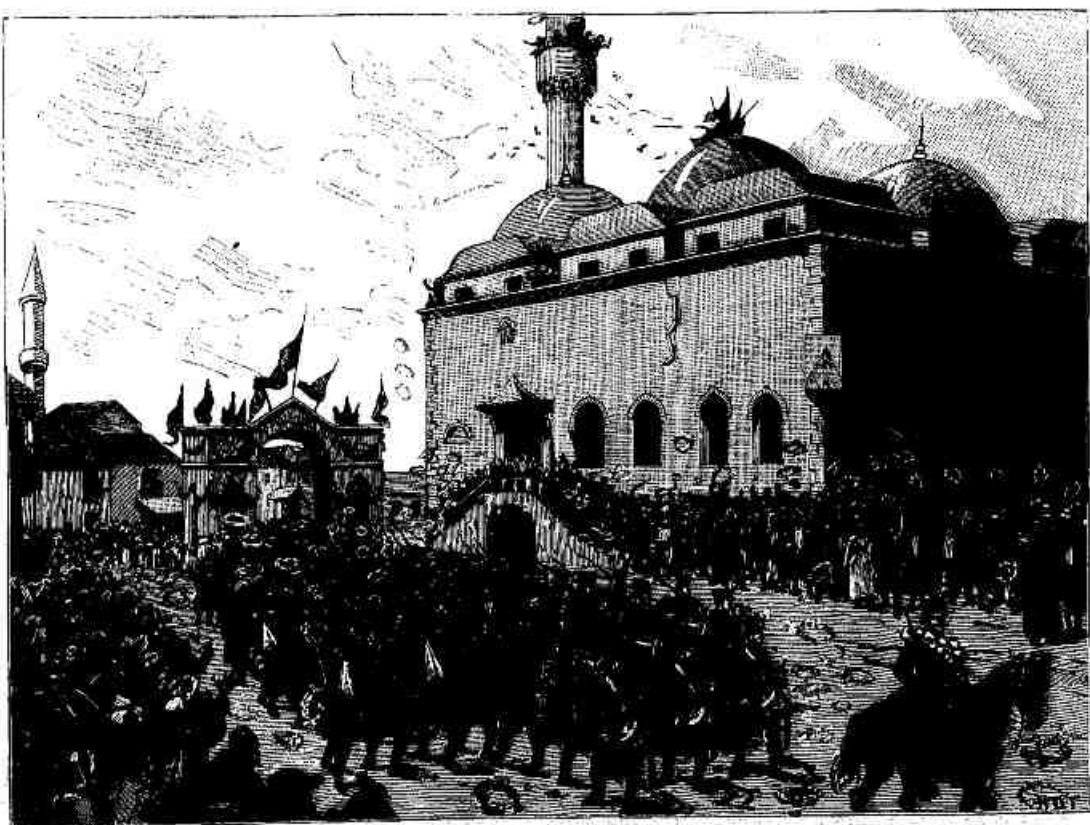
MORALISTAS CHINENSES.



UMA CAÇADA EM CHANTILLY EM HONRA DE S. A. O PRÍNCIPE D. CARLOS



JORNALISMO E JORNALISTAS. — O DIÁRIO DE NOTÍCIAS de Lisboa, redactor em chefe EDUARDO COELHO.



A QUESTÃO DO ORIENTE. — A entrada das tropas bulgares em Philippopolis.

A QUESTÃO DO ORIENTE

SEMPRE a questão do Oriente... Ainda uma guerra não está finda, nem os caídos enterrados, nem os soldados vitoriosos foram aclamados pelos seus compatriotas — que já d'uma nova guerra se fala, e d'essa vez d'uma guerra cruenta e impiedosa em que tomarão parte a Grécia, a Turquia, a Sérvia, a Bulgária e talvez mesmo a Rússia.

Mas enquanto esse terrível desenlace não chega, que a nossa vista se consante diante d'esse belo e entusiasmatico acolhimento feito pelo povo bulgar ao seu heróico e glorioso exercito, a esse sympathético exorcito que nos campos de batalla tão brillantemente defendeu a independência da sua pátria, castigando o usurpador e a arrogância de exercito da Sérvia, e arranjando a usurpada d'este rei Milán I que declarou uma guerra trátrica, sómente para conquistar um sympathy d'uma potência que não podia secundar o seu voto da oposição e da intervenção formal da Europa.

Neste instante de luta não só a Bulgária conquistou a estima das nações do Ocidente, mas o seu exercito frío não tem com um das mais bravas e mais bem organizadas, apesar de pouco numeroso.

A nossa gravura representa o entusiaço triunfal em Philippopoli.

A ENTRADA DE CHANTILLY

No numero passado da Ilustração publicámos uma vista geral do castello de Chantilly, a sumptuosa residencia do sr. duque d'Aumale, como no n.º 3 já tínhamos publicado uma vista do castello d'Eu onde moram os sr. condes de Paris.

Mas as riquezas arquitectónicas de Chantilly não formam sómente um soberbo conjunto,

mas os seus detalhes são admiráveis, e parecem que os leitores da Ilustração nos hão de ficar agradados, oferecendo-nos hoje um exemplar desse encanto do castello, d'essa entada senhorial da habitação dos príncipes de Condé, cujos nomes tanto britânicos e tanto belissimos atraem na histria de França.

O ACTOR SANTOS

ASCENA portuguesa em de Jute. O artista que tanto o céu de glória, com vinte e tantos annos de triunfos, acaba de desaparecer da Vida, apagando assim lentamente e terrivel d'alguns annos. E o seu morte deixam um vazio profundo, porque se não pode exclamar sobre este morto quando, a phrasa antiga: *le roi est mort, vive le rois!*

Uma pergunta surge-nos à flor de todos os labirintos — quem é o rei acclamado que vem substituir esse extraordinário monarca da scena portuguesa?

Ninguém. Aquelle throne conserva-se vago infelizmente, e com dificuldade apparecerá e nifar que possa sustar firme na mão o sceptro do supremo genio da scena no nosso teatro, com a paixão, com a firmeza, com a magnetade com que Santos se impõe à multidão e à critica, n'essas gloriosas creações do Máximo Odise, de Mauricio Fedor, do Luiz XVI, do Turtufo, do Alerin, do Jahn, do Mortemer, do Bocage e do Antony — criações luminosas d'esse grande apucnialmo que soube tão maravilhosamente lançar o grito de combate e da vitória, no meio esmagado da arte nacional; d'esse valente que analysou até o intimo as pequeninas decorações da Alma humana, photographando e daguerreotipando nos seus personagens românticos o amor e o ciúme, a abnegação e a voluptade, com o rigor e a precisão de quaisquer posses, no serviço da investigação dos espíritos, todos os rangers da chímica e todas as subtilezas de Javeri. E é este grande congoço e esse grande maravilhoso espirito — morto que choramos, suando diante d'este cedurar uma das glórias portuguesas mais eminentes e mais unanimemente aplaudidas, no ultimo quartal do século xix.



José Carlos de Santos, era filho do D. Martin da Conceição Marrocos e do José Cipriano dos Santos. Nasceu em 13 de janeiro de 1834. A sua paixão pela scena principiou a manifestarse em sovinte intimissas na casa do sr. Anjos, a S. Manuela, o padrinho exº srº D. Guilhermino Jardim e o sr. Alfredo Anjos, quando fazia representar n'um teatro de marionetas as actens do Roberto do Diabo e do Guillermo Tell — um delírio de fantoches que era o encanto do rapaz que havia de ser mais tarde a gloria do teatro português.

Aos sabados quando saía do collegio, era disputado para fazer imitações, em casa do conselheiro Antonio Augusto d'Aguilar, Faustino Gama, S. da Mota, etc. Mas uma bon estralha fez o tombar conhecimento e estreitar relações com o poeta dos Caçus matutinos, Gomes d'Amorim. Tinha Santos por essa occasião uns desejos animes incompletos e o poeta principiava a planear as suas primeiras peças theatrais.

Um dia Gomes d'Amorim apresentou-o a Almeida Garrett que dizia mais tarde:

— Parece-me que o rapaz tem sangue na peleira e ha de fazer a barba ao mestre. A peleira é boa.

O Epibatismo acceptou-o por discípulo e pouco depois debatava Santos no theatro de D. Maria no papel de Mafra, no drama de Gomes de Amorim O Glighi. Isto foi em 20 de maio de 1851.

No theatro normal passou ao Gymnasio, onde se pôz em relvado em deliciosas comedias um acto, em que elle e Knoblauch Lorettoz fizeram o encanto de epochas seguintes: As Pragas do capitão, Um sugaridó e uma senhora, Dais lá, lá, Onde passaste? a noite, etc.

Estava languido o entusiasmo artístico. Era já alguma cousa mais do que o rapazinho endebelado das sofrerias de Faustino Gama e da família Anjos. Era o Santos pior, de quem Garret havia dito:

— A peleira é boa.

El-ru D. Luiz achando basurna notável o talento do artista, mandou-o estudar os grandes modelos de Paris. Foi, estudou, progrediu e depois conseguiu no theatro de D. Maria a segundas plages da sua carreira artística, com Vida d'uma rapaz; logo, onda Santos e Mauaula Rey fomaram todo o acontecimento de Lisboa.

No theatro do rei dos Condes — que Deus haja — e depois no Principe Real, continuou sempre a subir e a impôr-se à admiração de todos. Foi sub a direcção d'este mestre que entrou principianta e evidenciou Virginia e António Pedro, nos Softeiros e no João Carteiro.

Foi Santos n'isto que implantou entre nós a opera-cómica e trouxe a Lisboa o grande tragico italiano Ernesto Rossi — onde elle muito estudou, e que depois seguiu por vezes nos seus medos escenicos.

Do Principe Real voltou para D. Martin — excessiva ideia d'arvo de sua gloria. Ninguém ate então e desde esse epocha até hoje se fez tanto applauso na scena portuguesa, como elle na Marin Antoinetta, no Marquês de Villemur, no Caunes do Rosin e no Acrobata.

Em 1876 deixou a empregos de D. Martin — excessiva ideia d'arvo de sua gloria. Ninguém ate então e desde esse epocha até hoje se fez tanto applauso na scena portuguesa, como elle na Marin Antoinetta, no Marquês de Villemur, no Caunes do Rosin e no Acrobata.

Ultimamente casou com a actriz Amelia Vieira que lhe fez até à morte extensa amiga. Deixou algumas filhas, dois ou três segundo cremos. Os ultimos dias da pobre vida que lhe restava foram cruciais. O cadáver era d'uma momia, uma cavilha horrendamente coberto de pele muito fina. Todos os homens mais notáveis na politica, na arte e na literatura concorreram ao enterro do grande artista.

O CARNAVAL EM NICE

OPASSADO numero da Ilustração foi quasi todo consagrado ao Carnaval. Mas como o assumpto é vasto e devem pôr-se ressalva, permitem-nos ainda hoje a publicação de mais algumas gravuras, apesar de que era nos achamos em plena quaresma. As assumptions mundanas seguir-se-hão os assumtos religiosos, e os leitores do nosso jornal podem estar certos que não devem por occasião da Semana Santa um numero todo dedicado ás festas da igreja, ilustrado com gravuras profanamente religiosas.

Mas fallemos ainda hoje do Carnaval, e isto para lhes apresentar um exemplar dos bonitos carros que no entanto tomam parte nas famosas batalhas de flores em Nice.

Este em um delicioso carminho guiado por crianças e que numa batalha realizada hui dia obteve um premio, pela elegância e bom gosto com que tinha sido decorado.

Em Nice o carnaval é ainda muito apreciado, e quando o fevereiro se aproxima, chegam a esta cidade famílias de todos os países da Europa, principalmente de Paris e de Londres, para assistir ás batalhas de flores, esplêndidas batalhas sob um céu tão azul e tão puro como o céu de Portugal, e sob um sol como nessa epocha não há igual em nenhum país do Norte, nem tão claro, nem tão vivo, nem tão tepido.

OS TUMULTOS EM LONDRES

LONDRESS foi há poucos o theatro de graves e sérios desordens, provocadas pelos socialistas que lançaram o terror em toda a cidade.

Foi no dia 8 de fevereiro que tiveram luogo casas famosas e vergonhosas e infames scenas de pilhagem; estas audacias d'um bando de criminosos que em nome da tal reivindicação social e em nome do povo soberano e estabelecido, se decidiram roubar os cidadãos nos ruas, arrancando aos homens os relógios e a bolsa, e às mulheres as capas e os joias, e entendo nas lojas para camilhar as vitrines e roubar tudo quanto lhe houvesse de valor.

Em lojas de ourives os sras. socialistas roubaram joias no valor de mais de 300 contos de réis. E os prejuizes causados subiram a uma quantia muito superior a esta.

Depois d'um tal escândalo, as lojas de Londres estiveram fechadas e a vida-comercial suspensa por muitos

dias — país que os comunitários, em vista da fraqueza da polícia diante dos amotinados do 8 de fevereiro, não queriam autorizar a abrir os estabelecimentos.

Mas não entramos em mais detalhes, porque os jornais diários já informaram sucintamente o público.

Chamamos sómente a atenção d'os que nos lêem para gravura que representa algumas das principais episódios do tumulto, para o aspecto d'esa multidão desordemada e desvairada, gritando guerra contra a sociedade e o Estado, e querendo reformar o mundo por meio do rosto e do ataque à mão armada!

A nossa gravura representa Trafalgar Square.

O CARNAVAL EM PARIS

VEM hoje novamente alegria as paginas da Ilustração com os encantos do seu espirituoso leixo, o artista que assina Mars.

Não somos só nós que recommendamos o brilhante parisense.

As pessoas que leram as correspondências de Ramalho Ortigão para a Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, sabem em que termos o ilustre crítico falou de seu companheiro de viagem e seu amigo Mars.

São numerosas na nossa revista as suas paginas — todas essencialmente parisienses. E é de hoje que reproduz um vale de creanças, também nos captiva pela frescura e graciosa d'as partis, pela maneira como estes scenos estão interpretadas, como as creanças foram suprenhendidas em plena alegria e em pleno contentamento.



JORNAES E JORNALISTAS

Começamos hoje a nossa annunciativa serie dos Jornais e Jornalistas, pelo Diário de Notícias de Lisboa, e pelo seu redactor em chefe sr. Eduardo Coelho.

Não é uma obra de critica o que nós emprehendemos. Pensamos fazer apenas um curioso trabalho d'história contemporânea. Não é o mérito dos jornaes, nem o talento dos seus redactores, o que nós apreciamos. D'uns e d'outros o que nós procuramos dar, é o spontâneo histórico e biográfico. E o nosso maior desejo, é podermos obter de todos os nossos colegas da imprensa portuguesa e brasileira a quem nos dirigirmos, artigos como este que segue, e que tão promptamente nos foi enviado pelo nosso excelente amigo Eduardo Coelho, um dos mais respeitáveis membros da imprensa portuguesa, um dos jornalistas que mais tem contribuido para o bom nome da sua classe, estando sempre pronto a aplaudir as idéias grandes, eminentemente patrióticas, e a coadjugar com a alta importância do seu Diário todo quanto é digno da sympathia e da estima do público.

Também na nossa serie dos Jornais e Jornalistas não anda envolvida a menor idéia política. Considera apenas como um dever falar respeitosamente dos homens de todos os partidos, quando esses homens tentam dardmostras de talento e de carácter. E por isso que na nossa galeria passarão todos os peris — todos os peris que nós julgarmos dignos da nossa camaradagem e do bom nome da nossa revista.

A Redacção.

DIARIOS DE NOTICIAS

Qos factos se parecem mais indiferentes da civilização encadeiam-se tão logicamente, se não lhes investigar bem a origem, se lhes encontrar a necessaria genealogia. Na imprensa periodica todos os acontecimentos se ligam, bem como nos sucessos políticos e sociais. Quando se publicam ha vinte annos o primeiro numero programma da bem fundada folha popular de que nos pediam a história, em 20 de outubro de 1864, lham-se neli estas leves palavras: «Todos os países ilustrados possuem publicações d'este género, e nomeadamente a Inglaterra, a França, a Bélgica, e ainda a nossa vizinha Hispania...». A idéia não é nossa, senão imitada ou traduzida, como melhor quizerem, para preencher um novo lacuna na sua jornalismo. E por isso de publicação que a empresa do Diário de Notícias adopta unica e raramente singular, só tandem copia tal de que se usa a d'esses países, etc. Os jornaes a que o autor d'este programma aludiu, eram, principalmente Daily Tele-

grafia, da Londres, o *Petit Journal*, de Paris, a *Actualité Belge*, de Bruxelas e a *Correspondência de Espanha*, de Madrid. Era o socio redactor do jornal, pois a empresa se fundava entre Thomas Quintino Antunes (hoje visconde do S. Marçal), proprietário de uma importante tipografia de Lisboa, e Eduardo Coelho, que no tempo tinha a seu cargo as chronicas diárias da *Revolução de Setembro* e do *Conservador*, jornais da partidaria liberal regeneradora e cartesiano-fusãois, e de diversas correspondências para jornais das províncias, — quem redigia o programma, e quem desde muito buscava lançar os fundamentos d'essa publicação, principalmente incluído pelo exemplo d'esses jornais, nomeadamente do *Petit Journal*, de que recebiam em Lisboa os primeiros exemplares apparecidos em Paris. Thomas Quintino Antunes, nas conversações previas dos dois, antes de fundar-se a sociedade, teve também fé na idéa, e na melhor oportunidade económica dos seus trabalhos, resolvendo fundar a folha. Não sendo esta, para nenhum dos fundadores, um impulso de validado literatura, ou desejo de obter influência para quaisquer fins políticos, pois era ponto fundamental que o *Diário de Notícias* não se ingeminasse nas lutas dos partidos, que em geral aboreciam os leitores das moitas das outras revistas, por serem em demasia exclusivistas e exagerados e cheios de personalidades ofensivas ou suas artigos, começou-se modestamente, restringindo as despesas do stricto indispensável. Os compositores eram os rapazinhos da escola typographica da Typographia Universal, sob a direção do mestre, o que dava um resultado a vir a fazer-se a tigreia muito tude, começando a compôr-se o original na tarda, de um dia, gastando-se toda a noite, e entrando a revisão e correção pelo dia immedio adiante. Os primeiros números saíram ao meio dia. O unico redactor era Eduardo Coelho, auxiliado por um secretário seu, um padre já falecido, que lhe ajudava a escrever as correspondências. Thomas Antunes dirigiu todo o expediente administrativo; e não era pequeno o seu encargo. Muitas vezes também ajudava a rever as provas. Não era raro que o sol, que os vira da manhã a ambos sentados à banca de trabalho fosse alumiar outros orbes, e voltasse a nascer, e subir ao zenith, no dia immedio, encontrando-as ainda lá a combinar-se o modo como haviam de servir mais facil e regularmente as exigências do público com receber o diário com assiduidade, pois que a idéa parecia vingar, e todos corriam a inscrever-se assinantes da nova publicação.

— Pois que, diziam, os dois amigos, no período de elaboração da idéia, os cálculos de probabilidades, não lhe deu senão sucedido um jornal mais barato que todos, que dá com o possível exactidão, conta de tudo, que não descomponha ninguém e que ande arrestando de leitor pelas ruas, em vez de estar fidalgamente a esperar d'ele no excriptório, e de custar-lhe o dobro ou o quadruplo do preço, sem lhe contar tanta coisa e sem lhe deixar sobre os factos o seu criterio desassombrado?

— E quem lhe de espalhar pelas ruas o novo jornal?

— Não tem que estudar os cauteleiros; vendem a cauteleira da loteria, e offerem conjuntamente o jornal.

— Não tem que ver, que ha de ser assim. E a elles que convém.

Ouh! mas elles não tinham contado com a aristocracia das cauteleiras d'aquelle tempo!

Quando um dia foram curvidad-los, viram os obelos com desdém, e voltaram-lhes as costas dizendo:

— Ora essa! jornais! vendelos pelas ruas? jornais, essa má raga, de comprometer a gente! Jornais, distribuí-los? isso é lá coisa decente!

Estava perdida a empreza! Se faltasse a venda nas ruas, ia-se pelo bane o projecto.

E todavia, uns rapazinhos docil, que poderia haver ser encontrados entre os redactores do jornal, porque se inscreveram nos cursos populares, e lhe deram a natureza uma pronunciada vocação literária, na sua dedicacão pelo diário que vinha de nascer, saíram com a sun blouse azul, e o seu chapão desabotoado de oleadas, à marinheira, a sua elegante taboleira azul e branca a levar ao público o conhecimento de nova jornal, que a todos fornira uma surpresa, e vendem todos os exemplares.

— Mas não seia o facto simplesmente o efeito da novidade? Agradam-nos realmente a nova publicação? Outros haviam se vendido, avulso, a porta do Passo Público, hoje tão lindamente substituído pela magnifica Avenida da Liberdade, alguns jornaes literarios e satíricos, de pouco valor, e quando se queria ridicularizar algum escriptor, dizia-se:

— Aquilhão é redactor de jornal da porta do Passo! « Não lhes provocava igual anathema? Houve até quem dissesse e escrevesse logo à apparição do *Diário de Notícias*:

— A imprensa arrastada pela lama das ruas!

E não obstante, se podesse haver lama na imprensa, não era no jornal popular, em que depois todos os talentos da nossa terra se deviam lisongear de escravar, por ser folha destinada ao povo, e um dia tão querida d'ele, que deviam procurar essa guarnição.

A perspectiva de ver comprometida a empreza, por falta de vendedores, porque ninguém se queria detar à nova industria que se oferecia aos rapazinhos ociosos das ruas, inspirou uma resolução a Thomas Quintino Antunes:

— O ovarino! — Ressava consultar o laborioso e honrado ovarino, a energona raça da costa navelense, esse modelo de trabahadores incansáveis, indutivos, que envergavam na viagem sarcasmatizantes aristocratizadas dos rotos do capital, que proficiam incomodar os homens que o ganharem pela sua actividade, pedir esmolla, ou haver o necessário por outros meios a ganhar um tanto tribulante honestamente n'um mistério honorável. Como muitas outras coisas, vender jornais, para aquelles figurações, não era emprego decente.

Thomas Quintino foi à ruas do Machadinho, quartel general das hostas ovarinas, propriedade o negocio, e veio logo a correr uma marota enorme.

— Por quanto vintens cada um, vai lá tudo, disse o orador Manuel dos Camarões.

— Nada! Vocês levam-os à experimentar. Os que não venderem, recebem-se-lhes. Dos que venderem ganham três reis em cada um, traz tostões em casa certa, sete vintens e meio em cada cincoenta!

— Três reis? casas três reis nem qual diabo!

— Saíram no primeiro dia alguns a ganhar quatro vintens.

Cesaram perceberam os que venderam meio cento que 150 reis eram mais de 80 reis, e isso percebe o ovarino à legoa, quicando logo todos vender por sua conta, que era, afinal, o que convinha à empreza, e o que estava calculado:

— Como te chamas tu?

— É o manau! por Antonio.

— E tu?

— O prior deitou-me lá Francisco Tainha.

— E tu?

— Chamam-me Joaquim.

O ovarino entrou Lisboa com o jornal.

— Vá lá o *Diário de Notícias* a dez reis!

Era o seu pregão desde madrugada. Estava criada a nova industria, que depois deu ocupação a alguns rapazinhos que não a tinham.

O publico gostou do jornal e do ovarino, porque gosta dos que trabalham. A poeta D. Maria Rita Cidre, escreveu um gracioso hymno dos vendedores:

Houve também, como é natural, gente de órgãos auriculares delicados, que chegou a ir pedir à polícia que prohibisse aquela infâmia que se não podia aturar, e sobre tudo a perseguição dos garotos atraç das pessoas que passavam. O ovarino ate pedia, pelo amar de Deus, que lhe comprassem o jornal. Respondendo ao que podia haver de incidente no exagero da justiça, o *Diário* traduziu assim a prece do ovarino:

— Ó meu senhor! pelo amor de Deus acostume-se a ler, mostre ao menos que salvo mais alguma coisa do que eu!

O *Diário de Notícias* deve muito gratitude ao ovarino.

Mas também vê agora lá velo-óssumus temos. Alguns tornaram-se uns ricassos. Como ovarino, varin, ou varreiro é extremamente soberbo, se alimenta com um bocado de brisa de milho, uma sardinha, se a ha, ou umas fibras de bacalhau seco, traja um galão de estampanha, ou uma camisola e um barete de la grossesse, que lhe duram toda a vida, o dinheir, na sua mão tem um valor imenso, e chega para comprar a casincho, o bistro, a courela, só tendo de coines e bebes e inventar malas paquetes modas de vida. Muitos retraram-se de volta ao fim de annos, e traspasaram para o priño, o fruto, ou o vinho, o direito de servir os freguezos. Esse direito e a venda d'essa venda tem já chegado a vender-se, — pásseus fabulosos isto! — por 300 mil reis, e 400 mil reis!

O cauteleiro eo ocioso de Lisboa lá se foram arrastando a pobreza e pouco no imitáculo do ovarino, mas ainda preferem ser distinguidos assalariados da administração, que sempre é coisa mais decente, dizem alguns, porque pode ainda fingir ser emprego público!

Andam na veada também muitas mulheres. Um jornauro corajoso, mas descalço, chegou a organizar a venda avulsa de 400 jornaes tirando uma meiazena de uns 14.000 reis e tendo deus distribuidores seus.

Todos começaram, pois, a comprar o jornal, mas algumas envergavam-se de o ler na ram: escondiam-se nas escadas. Amigos dedicados e que davam um pouco a lei nas regiões elegantes combatentes com vantagem esse preconceito.

Um dia o jornal contava este anedota:

— Uma costureira elegante vende sobre o balcão de um estabelecimento de modas o nosso jornal; perguntou o dono da casa em tom desdenhoso:

— Então também cá tem este jornal? Lá em minha casa só se vêem os que lá têm.

— Era verdade. Mas a razão é porque n'aquellin case só os cretinos sabem ler. *

* Havia muito d'isto, o *Petit Journal* também em Paris é, ainda, por desdém, chamado o jornal dos cocheiros, que dizem — jornal do povo.

Quintino e o *Diário de Notícias* apareceu não havia nem huma publicação de fácil aquisição para as multidões baratas que era a condição económica essencial. O

tipo de leitura popular eram ainda as folhas volantes, vendidas pelos cegos das folhoshas e almanachs, noticias extraordinarias, versos ou anedocias e os opusculos que o poeta escrevia:

Que no Arsenal no rego cantinhante
Se vendem a cavalo n'um barrete.

Era uma iniciacão o diário, Centenas de pessoas corriam a ruas dos Calafates a procura d'uma nova folha:

— Aqui é que é o novo papel dos anuncios? dizia o homem de paix; e também queria entrar cá para isto. Oh, voltando no final de mês a renovar a assinatura, que fôr posta no topo reis mensais, como queria lo pagar a quota do monte-piso!

— Eu também sou socio, e venho pagar o mes que devem. *

Muitos ouvirão ler as coisas e os casos do papel mal-dizido e infotinto de não haverem aprendido a ler; muitos outros apreendiam a soletrar no jornal. O carácter popular, que a redacção sempre procurava conservar á folha, o respeito por todos os informantes, o amor por tudo o que lhe parecia grande e generoso, o permanente propagandista do bem, como elas se tem entendido, a isençao do partidário, conservando-se sempre fora do alcance das paixões politicas, quicando que sejam as predilectas dos seus colaboradores, em que, alias, tem havido homens de todos os partidos, a cuidar, embora sob a forma ligante da notícia, de advogar os grandes interesses sociais, tendo por fito o engrandecimento da patria, e não admittindo em suas columnas, como dizia o programma, a polemica partidaria, « as pugnas desonestas, as reconvenções insidiosas, » o filho offendido do paix, o marido insultando a mulher, o discípulo aggravando o mestre, o cidadão desacatando a autoridade publica, e acatando, embaixo, muitas outras considerações de ordem moral que entorpecem no seu pleno, — encenam, por certo, o segredo da sua extraordinaria publicidade, que tem florescido com a concurredia. A tiragem do *Diário de Notícias*, que hoje regula por 26.000 exemplares, havendo dias de mais e dias de menos, porque n'elha se dão egatas fluetuantes às que se sentem na imprensa estrangeira, começo de 4.000 a 5.000! O mais forte elemento da sua felicidade económica é o anunciação, que em paix nemhum é tão barato como em Portugal e principalmente; — pondera-se bem, — num jornal que representa uma tal grande tiragem, onde conservando o preço typico de 20 reis a linha, com uma vulgarização do dobro, o triplo, ou o quadruplo de outras publicações similares, equivalente, comparativamente, a um preço muito menor.

O jornal, em virtude da muita afluencia de anuncios, teve de adoptar quatro formatos diferentes de papel, segundo as exigencias d'essa mesma afluencia, e não são os formatos maiores, em que o papel é de um preço, relativamente elevado para um jornal que se vende 20 reis para o revendedor, e saem semelhante preço para a assinatura, os que dão maior lucro à empresa, havendo uma desproporção entre o aumento da receita de anuncio que obriga a estes formatos, e o aumento do custo do papel reproduzido em muitas milhares d'exemplares.

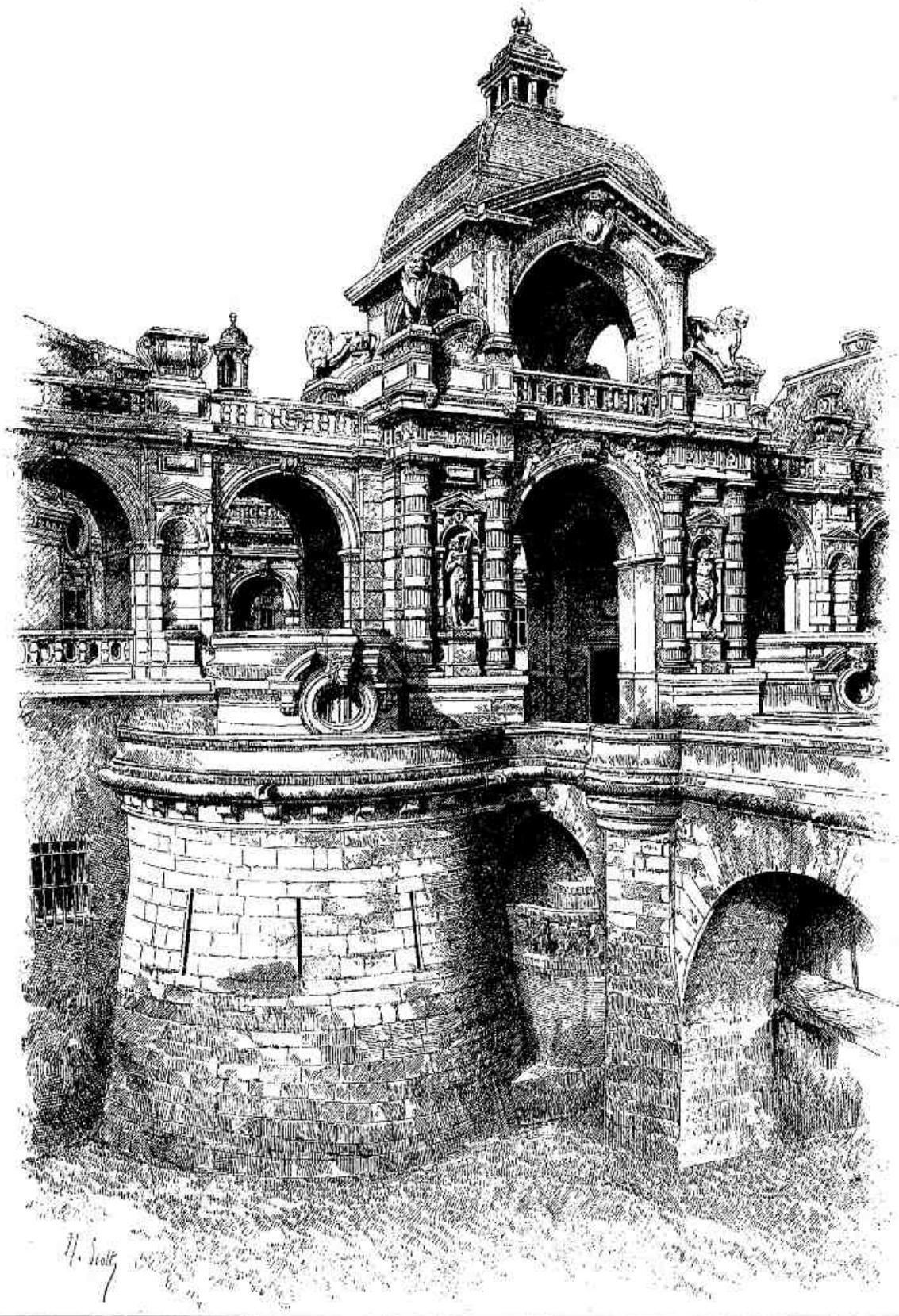
Um gerente inteligente e instruido, Antônio Ferreira de Lima, com liego prática de administração de jornaes politicos, o que lhe deu conhecimentos especiais do expediente administrativo, — arrecadacao das pequenas receitas, organização do serviço de distribuidores, serviço de assignantes, etc., geriu desde os primeiros annos o jornal, que tem chegado a contar 400 e 500 vendedores avulso, 50 distribuidores a assignantes.

O *Diário de Notícias* publicou cerca de 20.000 de anuncios, havendo já chegado a inserir 700 em um só numero.

Havejado desde o começo da sua publicação, inaugurado o sistema de abrir subscriptão permanente para os postos necessitados, famílias recolhidas infelizes, socorridos a todo a sorte de desgraças dignas, não tem distribuidor menos de 50.000 reis durante os seus 20 annos de existencia, incluindo 4.000 assignantes para o jornal *Paris-Madriz*, 4.000 1000 reis para os últimos terceiros de Andaluzia, etc.

Coadjuvado por um grande numero de escriptores, e tendo visitado suas columnas honradas, com collaboração extraordinaria e efectiva, por tudo quanto ha de Ilustre no paix, tem podido, apesar do seu fastoamento systematico da politica, tomar parte activa em todos os movimentos civilisadores, dar sua collaboração influente a muita obra de progresso e engrandecimento publico, buscando sempre espalhar entre as multitudes, que o leem, as ideias do bem, da virtude e da justica, o amor do bello, o respeito por tudo que é grande e nobre, e fazendo de permanente obrigação e desejo de servir a prosperidade do paix — a condição essencial da sua existencia e da conservação da estima publica.

Não sera, então um justo devaneamento a enumeração dos principais factos que assignam a historie d'esta publicação nos suas relações com a missão de que se julga investida pela sua excepcional publicidade, pela consideração e estima publica, e pelo bom querer dos seus proprietários e do nucleo de elementos que collaborem com elles; mas seria enfadudo ao leitor o leão, e talvez a abstencão pretendia justificarse, de certo modo, abrigando que a enumeração seria longa por prender in-



UMA ENTRADA DO CASTELLO DE CHANTILLY, propriedade do sr. duque d'Aumale

tegramente com a história política e social da nação no quanto do século.

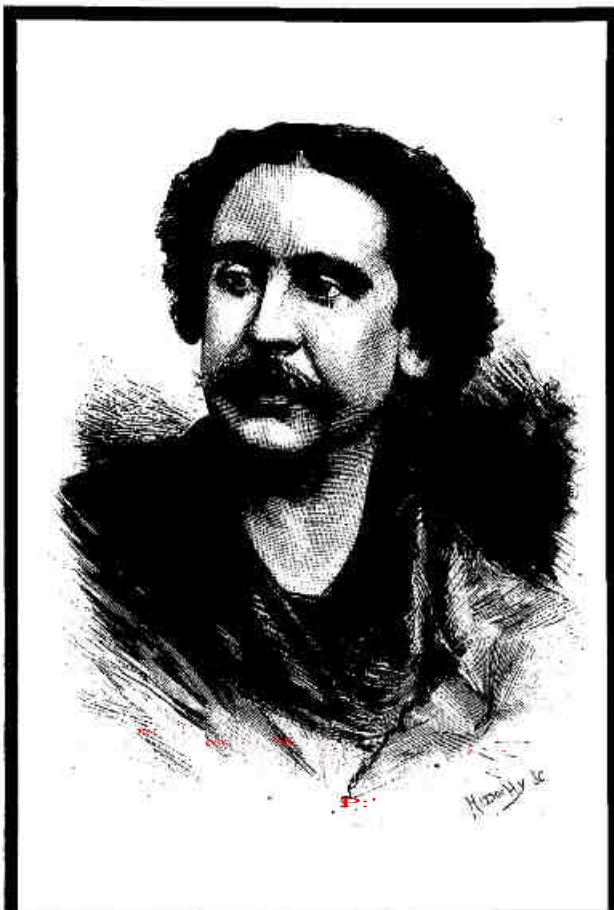
A força da sua publicidade tem sido solicitada por homens públicos dominantes a favor da causa da mais alta ponderação nacional e internacional, e oute um jornal antigo e altamente colocado na imprensa que, em diversos artigos editoriais, pretendeu ter sido em folha a causa imediata des factos que determinaram a guerra franco-prussiana?

Ministros de alto espírito, acusaram a sua direção de ter com simples artigos de propaganda humanitária, evitado que o chefe da nação assignasse duas sentenças de pena capital; muitas vezes o corpo dos professores reunidos lheceu os seus serviços à causa da instrução popular; o jornal é condecorado com o diploma de honra e cooperação da Exposição agrícola de Lisboa em 1884; o governo francês distinguiu com as palmas da academia o seu director « por serviços às letras francesas na occasião do congresso literário internacional de Lisboa em 1881, e o governo português com a comenda da ordem do S. Bento, no mérito literário, expressamente por serviços gratuitos feitos ao Estado por occasião do Inquérito Industrial e da Exposição agrícola de Lisboa. O mesmo governo apresentou com o título de visconde o socio-euca da empresa Thomas Quintino Antunes.

Mais de 150 corporações literárias e científicas estrangeiras agradeceram por occasião das festas do seu centenário de Cambes, em que o jornal teve parte decisiva, a publicação gratuita de uma edição simples, mas phisiologica e correta, dos poemas os *Lusitanas*, em 34.000 exemplares distribuídos a todos os leitores do jornal e a 4.000 escolas.

Os actuais redactores são:

Redactores efectivos. — Sr. Albino Augusto Pimentel, filho de general Pimentel, que comandou o batalhão de caçadores 5, aparentado com algumas famílias régias, cursou também a carreira militar e entrou cedo no jornalismo, profissão que principiou n'este jornal, onde é um redactor laboriosissimo, atilhado, excelente colecccionador



O ACTOR SANTOS

de factos diversos, não perdendo o mais simples caso ou mais pequena circunstância. É um óptimo organizador de elementos noticiosos e de sensação.

Sr. João de Mendonça, professor de ciências naturais, geographia e história, autor de diversos estudos muito eruditos e interessantes sobre estas matérias, com investigações da sua lavra, principalmente acerca da Flora portuguesa e ultramarina muito apreciados entre os trabalhos científicos. Por isso estuda-lhe mais particularmente confiados os artigos de carácter científico.

Sr. Pedro de Wenceslau de Brito Aranha, continuador característico e profundamente investigador de *Dicionário bibliográfico português de Inocencio Francisco da Silva*, por contacto celebrado com o governo. Todo o seu especial merecimento com relação a uma folha de carácter do *Diário*, está indicado neste amplissimo trago biográfico, sendo escusado acrescentar que elle é copiosíssimo em todas as suas informações, muito correto na forma, jornalista antigo e experiente, com um largo trato dos escritores estrangeiros. Dedicou alguns trabalhos a Victor Hugo e tem esplendidas cartas d'aquelle genio.

Sr. João Baptista Borges. Foi educado na escola do diário. Ali aprendeu o mecanismo dos *faits divers*, que formula com graça e tom dramático, sendo um dos melhores exploradores das circunstâncias que constituem o romântico do caso da rua, ou da porta da escada. Seguiu os cursos nas escolas populares; um velho judge da sua terra deu-lhe algumas noções de latim e tem algumas cadeiras da Academia de Bellas Artes. Não vamos fazer d'elle um sabor, porque isso o comprometeria como a muitos outros, mas alegamos que tem talento, graça, e sobretudo que é um óptimo rapaz.

Folhetinistas. — O mais effectivo, o mais assiduo, o que há mais tempo ocupa oficialmente o cargo, escrevendo dois folhetins por mês, é Júlio Cesar Machado. Também é élite o espírito que nunca se esgota, que tem sempre a noua propriedade do aconchegamento, um cri-



O CARNAVAL EM NICE. — Um carro de flores

tenho chistoísmo, pulverizando os ditos de espírito e bona accedat, n'uma forma elegante e maliciosa, que dà lin-
guinhas com o sonrindo, a sentença philosophica com obli-
quidão, uma piçaroteca que só consegue enigma satyrasque
sob oscuros. Escritor muito estimado e muito honesto, o *Dianio* tem uma honra por o ter por seu colaborador.

Também adorna o folhetim com escritos interessantíssimos, o brilhante estylisto Visconde de Benalcá-
zquez, e atende na mesma seção de quando em quando o leitor popular, assim como gazetinhas rimadas como que
vão experimentando e sanguinando diversos acontecimentos
da vida da rua, o poem das plateias mais frequentadas
pelo povo, osr. Luiz do Aragão, escritor muito gestado
das multitudes, e que tem também desde muito, praça
assente no jornal.

Ha além destes, um grande numero de colaboradores
eficazes, para diversas seções e informações do jornal
tais como afazeres, comércio e mar e finalmente,
fatos judiciais — criminais e cívicos nas varias instan-
cias; — fatos militares e respectivos tribunais; fatos
da marinha e ultramar; factos escolares e revista de
cursos; factos theatres e literarios; factos diplomati-
cos e políticos; academicos; informaçoes de incêndios,
desengons e acidentes, acontecimentos denominados
politicicas e de mais casos da rua, fetas religiosas, associa-
ções e corpos collectivos, artes e industrias, hospitais,
ministerios, Cortes, assembleias politicas, salões e mode-
los, etc., correspondentes telegramaticos permanentes nas
principaes cidades plego o jornal na corrente dos
sucessos mais notáveis nas primeiras horas.

Um dos mais graduados empregados da Typographia
Universal exerce o cargo de esmoller gerindo a caixa
das encomendas e distribuindo infatigavelmente assombras,
que à folha são confiadas para essa missão bendeitora,
semelhantemente ao jornal a recepção e a entrega de to-
das as quantias, com as indicações indispensáveis para o
publico poder constantemente vigiar essa conta de en-
trada e saída.

Desde o principio da sua publicação o jornal destinou
dar todos os annos um pequeno livro gratuito e original,
como brinde em sinal de reconhecimento, promessa
que tem cumprido sem a menor interrupção, havendo
distribuído ate agora 20 volumes e estando a ser elabo-
rado o 21º que é dedicado a Victor Hugo, isto é, a sua
biografia e notícia das suas obras. Nesse livro tem
colaborado assim como no jornal, pode-se dizer, todos
os escritores portugueses.

O actual correspondente em Paris é um filho do re-
dactor principal e que usa o pseudónimo de Joao Pe-
quenito.

Eduardo Coelho.



LISBOA EM FLAGRANTE

A AVENIDA

ESTA aqui, está a ouvir uma batela
d'aque formidável.

Issso sim! São pequenas nuvens
inoffensivas; não dão nada.

— A quanto apostas?

— Tinha graca! uma aposta bordalha sobre
um trivial modico aero. Nem que perdesse-
mos no sport celeste, nós dois.

— Ora mas aposte. Que te custa?

— Pois bem: aposta que não chove... Inaugura-
se hoje, com um menu soberbo, o novo
Café-Restaurant do largo de S. Carlos; aquelle
de nós que perder, paga o jantar dos dois.
Valeu?

— Vales!

E neste ponto do dialogo desembocava eu
com o meu amigo Loureiro na praça dos Restau-
radores.

Tinham debitamente quatro horas no quadri-
longo maciso do torre do Carmo, arrogante,
mangosa e negra como uma barrette de porta-
chachado. Era a hora elegante, o momento do
nosso *rendez-vous* mundano ao longo da Ave-
nida, essa grande e ruindosa arteria per onde
vão derivando febrilmente, num inconsidera-
do vertigo, as equipagens de luxo e as rendas
municipais.

Na nossa frente, embaciado, molle, d'um tom
funebre de cére, o monumento aos Restauradores
aprumo a casto a sua uteracada corcova de
cubos sobrepostos, no azul desbotado do céu.
Pobre obelisco! Mayonaise indigesta de
ornatos excessivos! O seu gongorismo obsceno é
uma caricatura bem lastimosa de immensa recta,
simples e austera, em que soube firmar-se eterno
e incorruptivel o symbolismo tragico do Oriente.
Faz-me o effeito de querer embocetar-se
todo, de cubo em cubo, successivamente, como
um oculo que se fecha, e fugir e voar e sumir-se
de vez d'ali. Dos grandes elmos de viseiro levanta-
tudo, abertos, ócos, repellentes como velhos
crânios vacios, eu via sahir as linguas petulan-
tes de varios diabinhos cascalleiros. E o bronze das duas estatuas, — Liberdade e Inde-
pendencia, — tremia de vergonha sob as lomas
esburacadas.

Adeante, abriu-se-nos na frente, radioso, lar-
go, saudável, vibrante de ar e de luz, a celebre
Avenida. Extensa d'um kilometro, estirasse pri-
meiro horizontal, espreguiçando os seus longos
braços de beton, em cuja lisa superficie os mon-
ticulos dos pés das arvores saúdos como a chair de
pente picada por este roto noroeste de janciro;
e vai depois subirto em mano declive, a es-
treitor, a estreitor, e a esfumar-se no alonga-
mento da perspectiva, ate intesar inde-
cisão e dace, lá muito em cima, com o magro
verde testicudo da argilla de Valle do Pe-
reiro.

A tarde desce para o seu termo com uma fria
langüez de moribundio. No céu, d'uma claridão
humida, baça, penetrante, pairam grossas
nuvens lividas, premies de aguaceiros. O sol já
não aquece. Como a recatar-se da averse que
repõe imminente, está-se rodeando cauteloso
d'um *water-proof* espiritual e fluctuante de nu-
vens cor de creme. E assim róxo, tremulo mor-
dente n'aquele céu marmoreado e inerte, pare-
ce uma freira na pele d'um gômodo.

Os seus raios vacillantes inundam de oiro
foscado toda a metade oriental da Avenida; e
d'essa tenue insopramento lacido que aguarella

os palacetes, destacam com negro franzinos e
friorentos, estendendo os raminhos ao alto
como a aquecerem-se, os pequenos esqueletos
das arvores das passagens. Do lado oposto, onde
o grosso dos peões se agita, uma discreta pe-
numbra começo a algodoar as coisas, e apenas
os grandes vidros, polidos como espelhos, d'um
outro palacio brilham d'um reflexo esmalado
e fúgido, quasi doloroso.

Entretanto, no improvisado boulevard lis-
boeta a animação cresce a cada instante. Pela
grande rua central desfilam com elegância no
pequeno trotar, metade no sol metade na sombra,
cavaleiros destros e garbosos, entre os
quais, montando cavalos de preto, alguns
sport-funer distinguidos; amazonas finas, offegantes
e nervosas, a cabeça em cima, numba azeado, a
longa cauda rastolhando a penumbras, confusa-
mente; mochilas imberbes e astuciosas em gra-
ciosas facas estouvadas; militares crestados, ri-
jos de *doimans* vistosos, a espada ao lado, ru-
lante; uma ou outra cocote em remise; almu-
nas pilcas mais animosas do Arco do Bandeira;
ligeiros *dog-carts* volanteando alegremente,
como risadas; *landaus*, *phaetons*, *coupes* mais
ou menos luxuosos, reflectindo no polimento
negro das suas caixas os objectos a correr, des-
pedindo das rodas vivos e rápidos lampejos, que
vão, à esquerda, regate de leveis listões de prata
a porção na sombra do macadum. E tudo isto
n'uma profusão muito razoável para Lisboa; tudo,
— os botões de libré lucentes, o tropejar
sonoro e firme, o resfoljar poderoso dos cavalos,
o espelhamento de chapaus que se titam, o
ferreo tintilar dos arreios, as exclamações, os
acenos, as plumas, o sítio dos pingüins, — fa-
zeando um surdo estrupido, um crepitão ful-
gurante; tudo marchionha n'um susurro harmo-
nioso e quente sobre a calçada orgulhosa.

Ao longo do passeio occidental que borda a
grande rua do centro espreme-se flammante, in-
domingada, tagarela, uma enorme e variada
multidão. O caminhão torna-se difícil, imperti-
nente, demonado, o espaço mesmo impossível
per entre aquella compacta promiscuidade. Com
tanto espaço devoluto, — um largo passeio logo
ali à esquerda, paralelo, do outro lado do can-
taro, e à direita, para lá das equipagens, dois
outros bellos passeios, quasi desertos, e tão con-
vidativos, tão limpos, tão macios, tão lucentes
na réste a esquivar do sol a agonizar, — já é ri-
diculo e estupido preconceito esta teima de se
amontoarem todos à sombra n'uma unica es-
teca fita de beton!

Que singular ideo-syncretism, que mysteriosa
atração, que extraño aferro poderia dar a ra-
zia d'essa parha incómodo, d'esta obstinada e
stulta preferencia?

Não sei... Apenas posso dizer que aquelle
vivo marulhar de cabeças, fervorosamente ali-
nhadas e premidas a um só lado da Avenida,
me lembra as caravanas lineares de formigas ao
longo dos caminhos.

É que o povo de Lisboa, apesar de todos os
seus ares, é burique, pacato e rotineiro por ex-
cellencia. Le Zola e come quissi Roquefort, —
bem sei... — mas de mão no nariz. Quer que a
vida lhe discorra anodyne e pacifico, na eterna
monotonía do trabalho em volta d'uma nora.
O costume é para elle um dogma, o habito uma
religião. Os dias consome-os uniformes, syn-
chronos, immutáveis, como se fossem ponteiro
d'um relogio.

Ora na antiga jaula mephitico do Passeio
toda a concurredia affluiu á rue Central.
Agora o Passeio, com as suas grades, as suas
sinetas e os seus pantanos, acabou; mas o lis-
boeta, que, embora se não atreva a confessá-lo,
ainda hoje depõe profundamente a destruição
do sombrio jardim sentimental, mitiga a sua
saudade... convertendo um dos trotores late-
rares da Avenida, na antiga rue Central do Pas-
seio. E, como esta era menos estreita que aquelle,
temos a mesma populación passeando no
mesmo sitio, mais emborcação e opprimida,

NOTAS SOBRE AS MULHERES

A opinião publica lança a deshonra sobre os maridos,
por causa das faltas praticadas pelas mulheres. — O
poder marital é como esta criação que tinha sido dada
para compadear d'um príncipe, e a quem bastava quando
o príncipe não sabia a lição.

Com imaginatio e obstaculos, pode-se sempre adorar
uma mulher; não é tão facil saber-a amar.

Fazia com tristeza para uma mulher ver que o homem
que ella prefere não é o príncipe das homens, e que nem
toda a gente tem por elle uma grande estima e uma
grande admiração. A estima dos outros por aquelle que
esta zona é muito no amor d'uma mulher, porque no seu
amante procura um apoio e um protector; porque sente
que se identifica com elle, que não é mais do que uma
parte d'elle mesma, e n'elle se absorve, não querendo nem
outra consideração, nem outra gloria que não seja a sua.

Deve-se julgar a believa, não pelas propriedades mathe-
maticas do corpo e do rosto, mas pelo effeito que ella
produz.

Todas as mulheres são a mesma; só ha diferenças nas
circunstâncias.

Toda a mulher se julga roubada pelo axor que se tem
por uma outra.

Alphonse Karr.

certo, mas também muito mais alegre, animada d'um clarão secreto de maldade.

Sabem porque?... Oh! se o sr. Rosa Atoujo eue um dia em vir *fazer* a pé a Avenida, que bella vingança que não tira d'ella toda esta humana prensa indignada!

Em summa, agora ao menos pisa-se *beton* duro e macio em vez d'aquelle horroroso pó asphyxiante de cauteleiro em dia de sorte grande.

Mas o lisboeta tem a cega persistência do castor. Conspira na sombra, solapa, estrue, maquina uma revolução terrível... em favor de Justino Soares. Teremos em breve, — que exulte a Baixa! — a musica ao domingo, a pyrotechnia barata e os bailes infantis. Assim o faz crer aquela mola tremenda de pedra esquadrada, que ali se amontoa à direita, formidanda, junto a uma *arauaria* mirrada de susto. E o material para a barricada solemne em que hão de implantar-se espessos e impenetráveis como in *pacto* medievos, o cordão e o *restaurant*.

Um jornal, paladino dos mais ardentes da Avenida na imprensa, que levou o seu entusiasmo a ponto de crear com essa epigrafe uma secção especial, n'ella escrevin, ha dias:

« Segundo consta, a cámara municipal vai representar para que as bandas regimentaes toquem aos domingos na Avenida. »

« Congratulamo-nos com a resolução da cámara: é o que se chama entrar pela porta da Harmonia.

» Benvinda seja a nova cámara!

» Nós, que não somos fortes pela musica, temos pela musica um grande fraco.

» E fazia-nos dô que nem sequer esta primeira nota da escala se lograsse ouvir na Avenida.

» Verdade, verdade, já tínhamos feito a cámara municipal rô d'esta falta.

» Chegámos a dizer com os nossos botões; — *Mi... scordia, srs. vereadores. Fa... com favor de pedir musica ao quartel general. Com estes de sol, custa andar lá sem ouvir a Carmen ou o Barbeiro. Si... to coma aquelle pede mais atenção municipal.*

» Felizmente, os nossos clamores foram atendidos, e a nossa querida Avenida vai ter mais encanto para os Domingos... e para as Domingas. »

E, por modestia, atribue toda esta admirável esfusida de espirito... ao sr. Mendonça e Costa.

Brejetrol!

Já vés portanto, Avenida, que o teu *fiasco* é certo. Quando a formula mais culminante da verve nacional a teu respeito é o trocadilho, e a aspiração mais vehemente do seu desejo é um coréto, não pôde ser decente nem largo o teu futuro. Estás condenada a não passares nunca d'uma coisa incompleta e mesquinha, uma aberração grotesca, uma extravagância epízema.

Algumas lisboathas ferrenhos afirmam embasbacados que tu és o nosso *Prado*, o nosso *Hy-de-Park*, a nossa *Avenida das Tulias*, o nosso *Prater*, o nosso *Bois*. Ingenuos! Lá estão a dar-lhes o desmentido, triunphantem: aquella mesquinha e banal flora dos canteiros; aquelles dois *hippogryphos* domesticos, poissados frente a frente, muito sérios e arrogantes, nos bordos d'uma piscina minuscula de *baby*... a suspirar-lhe para dentro; a constância pelintra de todos aquelles tapumes, — um outro vicio nacional; o tenue rio de agua babujosa, crassa, verdoenga, d'uma opacidade suja de pantano, inrugada de microscimas perniciosas, que percorre doridamente as sinuosidades pathologicas d'aquelles estreitos lagos; aquelles velhos predios do Salitre, ponteagudos e incorregíveis, a trespassarem-te o flanco obliquamente.

— Perdes a aposta, meu rico, — disse eu de repente ao Loureiro, por vez, a despeito das nuvens lívidas, o sol persistindo em alumiar serenamente o vastíssimo panorama.

— Veremos, — retrorquia grave o meu amigo, um bom rapaz de olhar claro, labios fina-

mente ironicos e interciliros vincados, em cuja figura insinuante havia o que quer que era de desdenhoso, senil e atívo, peculiar aos homens que se conhecem superiores à sua posição e ao seu *meio*, mas a quem a injustiça social amorfava e a quem tortura a amarga desconfiança de que jamais serão apreciados no seu justo valor.

E, como a dar-lhe razão, uma delgada nuvem negra correu per sobre o sol o seu crepe ameaçador.

Então, um immenso AH! de surpresa e receio alastrou pelo multíldio, de nariz ao ar, inquieto. Mas o sol descobriu novamente, a ris escarrinho, e aquelles milhares de *flaneurs* continuaram o passeio no mesmo descuido pranteiro.

Nós íamo-nos internando gradualmente no marulho agitado dos peões em massa. Era interessante de ver a variegada complexidade de cores, de sons, de movimentos que formava aquele compacto oceano.

Predominavam os tonjes escuros, impostos pelo lucto oficial. Das senhoras, pavonavam-se algumas em corpo, sem medo ao frio; outras involviam o busto em fartas romaineas de pelúcia ou de velludo; outras ainda cingiam-se em redingotes, em visites, em rotondes, de alto preço; duas ou trez ostentavam, — que escondai! — ligeros casacos brancos debruados de armínio. Mas a maior parte vestiam graciosas levitas de beige, de canutillo de seda, de grosso panno, de *astrakan*, em todas as nuances do negro, do verde, do amarelo, do castanho, do azul; e estas tinham um ar tão patriciamente elegante, — assim nos seus corpos justos de homens largos e gola direita, caindo perpendiculars do seio proeminente, os bolsinhos na frente, microscopicos, adornos vistosos de grandes botões lavrados, de bandas de velludo, de volutas de trancelim; — quão desgracioso e ignobil n'aquelles promontórios immensos das *tornures*, a bamboarem-se pesadas, bojudas, hirtas como cabides ambulantes.

Incostados ao tapume dos canteiros em attitudes contrafeitas e estúpidas de manequins na mostra, poissavam em bandu os janotus, esticados, empapelados, lisos, humorísticos, collarinho á ingleza, barba á Guise, penteado à Capoul. Como era domingo, o elemento caixeiro punha a espas no conspicua *stalage* nota plebeia da sua bandolina e dos seus joanetes.

Principiámos a distinguir typos conhecidos.

Ladeado de dois fidalgotes de província, o visconde de S. Gião lá segue vaidoso, falso, arrogante, — o chapéu descido à esquerda, sobrendo cór de mel todo abotoado, bengala de unicórnio incastoadão em ouro, luvas respondentes, — fallando alto e sacudido, dandinando-se negligente e ativo, curvo o tronco n'uma afeição bohemia, a sobrancelha vincada com insolência, os labios caídos com desdem.

Na orla branca do passeio, junto a uma columna de candieiro, expõem-se muito artificiais e muito evidentes, a cavaquear cantadiamente varios actores e literatos entre os quais o Vieira Lima, — sabem? — o ousado jornalista, com o seu chapéu-alto enorme, que pelas abas mais parece um guarda-chuva, o seu sobretudo gemma d'ovo com golla de velludo castanho, as suas luvas cór de vinho a sua bengala barata d'*director*, os seus sapatos-fulwas, a cara trivial e inexpressiva toda franzida no esforço de reter um monoculo sem grau.

Pelos confortaveis bancos de espaldar, alinhados ao longo do passeio, continúa a anhar-se furioso o namoro indígena, revigorido em vez de attenuado, como qualquer outro *ballus* morbido, com as culturas successivas. Uma languida Julieta, — dengue, pallida, negros olhos elegiacos, — dizia ao seu Romeo de sobrecasaca, mostrando um grande break que lhes passava na frente, a trotar fogoso:

— All aquelles cavallos o que vão depressa! Que medo!

— E elle, n'um impeto de Antony:

— Quer que vá sustel-os na carreira!

— Crédol...

— Um olhar seu... e vou!

Dois criticos quasequer vinham fallando do *Grupo do Leão*, e um d'elles declamava, tolto e convicto:

— O quê, menino! O *Cain* uma obra soberba?

— Pois não achas?

— Ora adeus! É um *Cain* d'agora, um *dandy* do Chiado. Está a pedir luvas e botinas de verniz.

Ao tempo, produziu grande sensação um *dog-cart* amarelo d'ovo, que subia guiado por um grande rapazão alto e grosso, de fartas suissas lojas, olhar azul traíçoeiro, um intenso deranque de sensualismo espapado nos feijões. Truzia a Salgado filha ao lado. — O quê?... — comentava-se, — pois aquela menina, tão boa, tão ajuizada, tão séria, tão ciosa do seu nome; aquelle coração orgulhoso e frio que tem rejeitado tão bons casamentos, vem agora assim à Avenida sósinha com um rapaz!

— É um primo brasileiro, que chegou ha dias: diz que gosta muito d'ella. Conheciam-se de pequenos. Ele tinha embarcado ha dezoito annos, nunca mais souberam d'elle, e agora voltou parece que riquíssimo. Está hospedado em casa d'ella. A mãe deixou-o installar com a melhor sombra lá em casa... a elle e á caixaforte.

— Parece impossivel, meu Deus!

Pouco depois, spanhavam ao lado este *bout* de dialogo interessante:

— Sim senhor! Isto vai bem este anno. Agora o Mosini e a Schalchi; depois a Devriès; e a Patti creio que sempre vem. E vamos ter *Cenerentola*, *Herodiade*, *Gioconda*, *Rei de Lahore*...

— Rei de Lahore... — atalhou, como recordando-se, um grosso caixeiro de cobrança, recentemente elevado pela fortuna a *parvenu* idiota, — ah! bem sei; não é mau tenor, não. Ovi-o em Paris ha dois annos. Já deve estar escangalhadote.

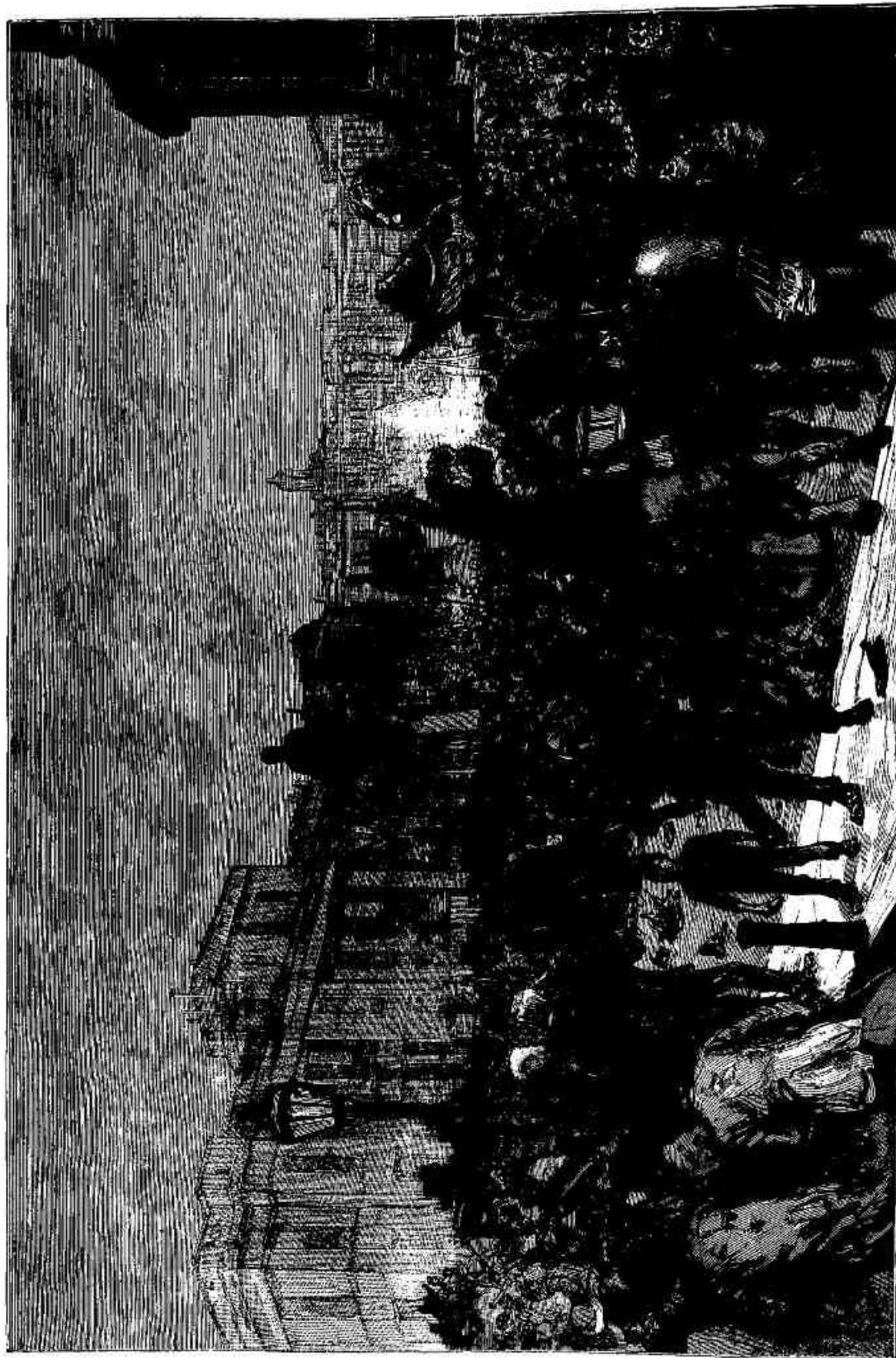
Tinhamos chegado ao extremo da parte plana da Avenida, limite obrigado do passeio dos peões. D'ahi para cima uma larga rampa subia, desafogada e luminosa, salpicada de manchinhos negras de gente a pé, corrida d'uma fresca viração sadis, pinturilada finamente dos perfis vistosos dos cavalos e equipagens, que iam e vinham mogestosos, attenuados, leves, indecisos, n'um bravo sussurro harmônioso, nimbados docemente pola humida gaze cór de rosa do crepusculo.

Delicioso como uma paysagem de Millet.

Aquella amplidão alegre e sonora, aquelle vento generoso e brando, aquella brumosa e mansa claridade fascinaram-nos. Subimos também um pouco; e, ao voltarmo-nos lá em cima, a multidão cerrada, em baixo, ao longe, apinhada no *trottoir* estreito que a sombra dos altos predios escurcião, lembrava um grande horrião mivediço, ou, melhor, uma longa tira d'este cartão muito aspero, de desenho a pastel, que tivesse sido todo brossado de carvão uniformemente, mas cujos felpos rebeldes se mantivessem no ar, ainda claros.

Fomos descendo. E então, na cauda d'uma enfiada temível de espantosas Phrynes andaluzas, cheias de tentações e de *fard*, appareceu a Georgina, — loira *cocotte manquée*, peccamista flor das margens do Douro, que aporá a Lisboa com as melhores tentações de se meter bem alto, fascinante e inacessível, ate conseguir atrelar solidamente pelo coração e pela bolas algum opulento Didier; mas a quem as dificuldades pecuniarias dos primeiros mêszes, juntas a uma compassiva e ingénita bondade, fizeram breve popularizar-se, amaciá-la, descer.

E está!... Não me vêem agora ali, n'um soberbo *landau* brasonado, aconchegados e uni-



INGLATERRA. — Os tumultos dos socialistas nas ruas de Londres



1. A farandola. — 2. O sardanismo. — 3. O ataque ao buffet. — 4. A « tombola. » — 5. O mais feliz de todos!

O CARNAVAL EM PARIS. — Os bailes das crianças

dos sób a mesma esplendida pelliça, muito amiguinhos, o marquez e a marquesa de Adorigol — Então em que ficou aquelle escandaloso picanço do sapatinho?... um chapim-rosa ideal, que a marquesa, por vingança, deixou na celebre casa da rua do Norte, onde o marido fazia as suas entrevistas com a miss Arabella do Colyseu?... Faliou-se em separação, em duello, em tentativas de suicídio... e afinal...

Quando eu porém me dispunha resoluto a embrenhar-me afoitamente n'um dedalo idiota de considerações, disse-me sinistro o Loureiro, apontando o céu:

— Olha, olha; vae vir.

E mostrava uma densíssima nuvem de chumbo, que crescia rapidamente para nós, rasteira, algodoenta, a inchar; acossada polo noroeste que voltaria rispido, em rajadas cortantes, inexorável, aggravando a nefrítica crônica d'aqueles pobres martyres, o Tejo e o Douro, que se acocoram desamparados, nus, de rins ao Norte, sobre as cupulas das cascatas embracheadas.

Mal elle tinha acabado, e já uma averse me donha começava a fustigar a Avenida em grossas cordas nevadas, obliquamente, regrando de vidro o espaço, innegrecendo as cantarias, perlando-se nas arvores e nas sedes, esparrihando metálica do beton.

E enquanto eu gosava o debandar alvorçado da multidão, — gritado, torvelinhoso e negro como uma revolta de estorninhos, — o Loureiro segredava-me bonacheiramente:

— Perdêste, meu caro. Vamos jantar.

Au J. Ascio.



PENSAMENTOS

Nada da vida, nem nada mata, como as comigoções.

As grandes alegrias fazem chorar, e as grandes dores fazem sorrir.

A desgraça presente é egoista; a desgraça passada é compadecida.

Poucos sabem soffrir, por falta de coração, e gozar, por falta d'espírito.

Carreguem em todas as couzas, um gemido saudá.

Havemos de saber que somos felizes, não salemos de o vivermos.

A origem da nossa miseria nem é sempre devida à violência das nossas paixões, mas à fraqueza das nossas virtudes.

Infeliz, recela-se de tudo; feliz, de nada se recela.

O mal triunpha muitas vezes, mas nunca vence.

A solidão vivifica, o isolamento mata.

Padre Joseph Roux.

PAIZAGEM TRISTE

I
Mostrando o céu, como um antigo monge,
O campanário da velha igreja.
Por entre as verdes arvores, ao longe,
Bem como as flores da magnolia, alveja.

Lambendo os pés os monstros de granito,
Vae o rio a gewer angustiado.
Como gomo e se esforce amargurado.
Nos outros infernaes algum precito.

Luctando sempre n'um combate rude,
De vez semeante goza, quando para
No remanso tranquilo do aqüe,
Que expálha o céu na superficie clara.

Fryndeja o castanheiral, cuja sombra
É díce e grata ao lavrador no sexto,
Quando as rolas arruinham na floresta
E os bairros se detam sobre a fraca alfombra.

Gira com seu monotonio marmurio
O espumante rodizio da noite;
Pausa a poumba no colmo do ingúrio
Que está no pé do gigantesco aqüíu.

Na arcaria da ponte as autorilhas
Prendem os ninhos terrosos, soltando
À flor das aguas, festivais, em banda,
Pondo em fuga as brillantes libellinhas.

E as moscas, sua prega appetecida,
Que voam, fogem, perdidas de atra,
Procurando, em margens acolhida
Na verde sombra d'um vigoso arbusto.

Tinge o sol de cér d'ouro e d'amethysta
As montanhas e as arvores retrata.
No rio, como lâmina de prata,
O sol fulgente — primoroso artista.

II

Era este o sitio onde Helena
Vinha nos tardes calmas,
Pallida como a açucena,
Procurar a cér das rosas.

Quicinada pelos ardores
Das fôreas intesa, pedia
Prescure aos montes, das flores
E aos mangos da pecedoria.

Com uma tristeza meuzia
Aus peinheiras das collinas
Pediu para a doença
Os balsamos das rosinhas;

E aromas que o vento leva
Passando pelas manhãs
Furtados á flor da esteva
Furtados aos rosmarinhos.

Tinha fe no arvoredo
Eden festivo das aves
E uns lúrios que em segredo
Criam fragâncias suaves.

III

A florir da amendoeira
Helena cahia doente
E ouvin-se uma ave aguareira
A plan suinamente.

Os dias da juventude
Rapidos foram passando
A alegria da sandu
E a formatura levando.

Jada não tinha sen fructo
A amendoeira perdida
Andavam os pais de tudo,
Helena havia morrido.

Quando a viram reclinada
No frio leito da cova,
Disseram todos: « calmada! »
Que pena morrer tão nova! »

Contemplando esta paizagem
Onde conchei Helena
Entrevêjo a sua imagem
E... que saudade... que pena...»

ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.



BIBLIOGRAPHIA

UM POETA NOVO

NTES de me chegar às mãos a *Lyra meridional* do sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco — (primorosamente editado pela livraria Campos e Godinho, bonito papel, impressão elegante e escrupulosa, um volume que faz honra à typographia portugueza) — tinha visto nos jornais opiniões como estas que passo a reproduzir:

— Que o auctor nos seus versos egualava por vezes Campoamor, em simplicidade e sentimento poético;

— Que o auctor nos seus versos tinha sabido traduzir por vezes o sentimento e a ironia que se exhalam das poesias de H. Heine.

Ora hoje que tenho diante de mim a *Lyra meridional*, e depois de a ter lido, ouso avançar o seguinte :

— Que os srs. criticos que citaram Campoamor e Heine para saudar a apparição do volume de versos do sr. Antonio Castello Branco, ou quizeram sorriso do poeta — o que eu não creio, — ou nunca leram Campoamor nem Heine, — ao que eu do coração me inclino!

* * *

Se a memoria me não falha, o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco é um grande mocetão do norte de Portugal : alto, espaldado, imponente forte; bôas cores de provinciano que nunca ouvia falar em anemias, nem em gastralgias, nem tão pouco em nevroses; barba cerrada; o ar um tanto selvagem, mas suave; grande influente eleitoral nas suas terras; mocetão que veio até Lisboa, *unicamente*, para se sentar em São Bento — por consequencia, tendo a Politica por fim e fazendo, por desfato, nas horas vagas, a corte à Poesia.

Se a memoria me não falha ainda, — foi Fernando Caldeira, este poeta que veio ao mundo muito tarde, quando Trianon e Watteau e madrigais já não eram d'este mundo; poeta aristocrata, n'um seculo em que os Reis vestem sobretacassas a os srs. Mercieiros e menos que ambicionam é um título de marquez; poeta delicado, fino e risonho, n'uma epoca em que a Poesia se compraz em arragar as mangas e injuriar o burgues, ou então em corpir tristozas e cantar pessimismos schopenhauerianos (que monstruosas palavras!) — foi Fernando Caldeira, digo, quem, com um sorriso que iluminava toda a sua barba loura, me apresentou, não o poeta, mas o deputado Castello Branco...

Depois, é que no decorrer da palestra, à porta da Hayaneza (porque tudo em Lisboa se passa à porta da Hayaneza) quando cada um de nós estava à vontade, cunqureira de rapazes, é que o sr. Castello Branco me contou, como quem conta loucuras, extravagancias, asneiras dos vinte annos, que fazia versos e escrevia prosa nas horas em que São Bento não absorvia a sua pessoa.

Coisa curiosa! Estamos chegados ao fin do seculo xix. Em Espanha, em França, em Inglaterra, na Alemanha, na Belgica, na Hollanda, na Italia, por toda a parte emfim, todo o homem que é poeta, jornalista, romancista ou dramaturgo, não hesita em declarar bem alto a sua profissão, a sua profissão d'homem de letras, uma das mais nobres, sendo a mais nobre d'entre todas que um homem pode ter. Porque há as profissões d'acuso, e aquellas que se obtêm por influencia ou por protecção. Enquanto que'esta de escrever, de impressionar e commover a multidão, só depende das facultades do homem, da sua inteligencia, do seu talento e tambem do seu caracter.

Mas em Portugal é que as cousas se não passam d'este modo. Em Portugal tem-se vergonha de se dizer que se escreve, tem-se medo de ser por tal motivo assobiado pelo publico. E é-se para o mundo: deputado, segundo oficial, amanuense, alferes (oh!

que d'alforres na literatura portuguesa) — o é só para as damas, para o club, para as praias; poeta, jornalista, conde ou dramaturgo...»

Alforres para as coisas sérias, quando a parir possa estar em perigo — e Poeta para as coisas no Difuso ou para as esperas do gado!

Longe de mim a ideia de chamar ao sr. Azevedo Castello Branco, poeta do Difuso. Seria uma injustiça, e seria além disso uma indelicadeza feita a Fernando Caldeira, cuja amizade e convívio eu tanto aprecio.

Trato apenas de generalizar o assunto, e de dar em grossos a minha opinião, sem fazer alusões pessas. Aviso aos intrigantes.

Mas também devo dizer que a *Lyras meridional* não me fez lembrar um só instante, nem Campoamor, nem Henri Heine.

Para se chegar ao sentimento humano e à simplicidade dramática de Campoamor, é necessário que o poeta seja só poeta, um ser vivendo apenas d'Arte, pensando só em Arte, sempre a Arte na sua conversa, sempre a Arte nos seus próprios sonhos. E este convívio, estú, união, este amor que liga para sempre a Alma humana ao Ideal artístico apenas se aproximaram e se compreenderam, nadu deve ter de afectado... O Poeta deve mesmo ignorar o seu estado e só o Crítico o deve admirar e analisar.

É assim, pensando só na Arte, vivendo só para a Arte, que se chega a ser Campoamor, como se é João de Deus, como se é Leconte de Lisle e Bonyville, como se foi Musset, Heine, Beudelaire, Nerval, Gautier e Victor Hugo.

E não sendo assim, sendo-se outra cosa e poeta ao mesmo tempo, mesmo que se tenha muito talento, fica-se sempre um verselador amavel, um amador — e mais nada!

Que o sr. Azevedo Castello Branco me perdoe esta franqueza brutal. Mas nós chegámos a uma época tão positiva e a vida contemporânea tão depressa, e ainda ha tanta coisa para fazer antes que o século xx nos surprenda — que o dever de cada indivíduo consiste no momento actual em saber collocar os homens e as coisas nos seus verdadeiros planos.

Dizer ao autor da *Lyras meridional*:

— O sr. faz versos que lembram por vezes Campoamor e Heine...

...equivale a praticar uma má acção.

Ou sabe-se o que se diz, e escreve-se a verdade, a humilde verdade... — ou não se sabe, e neste caso ministro do reino praticaria acto mais santiatio e menos vexatório que as quarentenas — metendo os srs. criticos na casa de correção.

E para um poeta que começo, eu não encontro nesse livro este sabor estranho que se encontra sempre n'um debutante, esta irregularidade febril dos primeiros poemas, esta audacia sympathetic dos que começam, e que deixam admirar um cerebro em fervescencia, uma alma cheia de ilusões, um espírito cheio de caprichos.

A Musa do sr. Castello Branco é uma musa pacata, uma verdadesca educanda do convento, com a sua pontinha de sentimentalismo, gostando

... de a esfilar consigo de giesta
De se mirar nas fantes

mas fugindo dos povoados «cleres e subtil»

...sec'le que se identifica o prado
Para hospedar abrigo.

É uma Musa com propósito, bordando quadriñhas a missanga, tocando varigas leigas ao piano, não dando cuidados aos passos, e tendo confiança no sr. Santo António para lhe arranjá-lo um bom maridinho.

É, finalmente, a Musa dos amadores. Não vem ao mundo nem para sacudir uma geração intesta como a Musa de Junquias, nem para fazer chorar os pígnos e as famílias como a Musa do sr. Thomaz Ribeiro. Não posse nem o eco das trovoadas de Victor Hugo, nem os lyricismos nervosos de Musset, e nada tem que possa lembrar essa ironia impascival de Heine, suavizada pela malícia espirituosa do alemão que se fez parisense.

A *Lyras intime* é o livro amavel e sympathetic d'um homem do mundo que escreve por desafio, que rima para matar o tempo. É o ideal dos volumes que podem ser lidos no seio das famílias, o volume que é bem recebido pelos românticos por que é romântico, pelos realistas porque também é realista, poesias que as senhoras leem em vila-gatara, que são também lidas e com uma certa curiosidade sympathetic pelos homens de lettras. Mas, porque não revelam um temperamento original, nem estalam no meio d'uma literatura com o estremo das coisas novas e imprevisíveis, dificilmente se lhes pode abrir um lugar n'uma biblioteca escrupulosamente organizada.

Que o sr. Azevedo Castello Branco não vá agora pensar que eu o odeio!

Eu sei quanto é desagradável uma tal franqueza e uma tal sinceridade de opinião, n'uma terra como a nossa, em que se tem recado de dizer a verdade — para não ofender! Mas a verdade creio ser esta. Sómente, ella não tem sido dita com tanta rudeza, se amigos do poeta, comparando-o a Campoamor e a Heine — dois genios! — não nos tivessem dado a perceber que mais uma obra-prima acabava de surgir para a literatura portuguesa.

Mas aberto o livro, achamo-nos sómente em frente de bellos ensaios. Vê-se que ha talento... que só produziram obras de valor, quanto o sr. Castello Branco estiver disposto a ser um artista, em vez d'um simples — posto que distinto — amador.

Ficou.

P. S. — A propósito do meu ultimo artigo em que fallava dos *Contos sem cor*, do modo como o autor escrevia versos e dormido como escreve prosa, fazendo alusão nos versos aos publicados no nosso jornal e no seu livro — o autor fez-me a honra de me escrever uma carta excessivamente amavel, dizendo-me que elle Almada d'Eça dos *Contos sem cor* não é o Eça d'Almada dos versos da *ILLUSTRAÇÃO*.

Já viam em que consiste o meu erro. À primeira vista não nota a diferença dos nomes, e de duas passagens diferentes fiz uma só. Aqui deixo a errata, sem por isso retirar uma só palavrão do que escrevi acerca do sr. Eça d'Almada poeta e do sr. Almada d'Eça prosador.



MEMENTO

As placas de aço que se vendiam a 6 e 7 libras a tonelada compradas no fabricante, — qualidade muito em uso na construção marítima, — perderam de valor 10 shillings de cada vez maior na projeção das placas e o mesmo tempo o estacionamento nos estaleiros marítimos, tom feito obtever a extender o uso d'engenhos aperfeiçoados e a realização de maior economia na produção. Não nos surprenderemos em breve vir chegar as placas d'aco a um preço mais baixo do que estão actualmente. Hoje já é mais vantoso comprar um navio em aço do que em ferro, porque ha uma diminuição de 20%.

Demais, um navio de aço, além de ser constituido com melhores materiais, tem uma vantagem superior ainda aos que são constituídos em ferro, sete o ponto de da capacidade em tonelagem. Um navio de 1.500 toneladas constituído em ferro pôde levar 3.200 toneladas d'água, mas se for constituído em aço leva 2.400, um aumento de 6 1/4%.

A produção das barcas de aço em 1883, durante os primeiros seis meses foi de 250.000 toneladas acima da produção em igual tempo em 1884.

Ou ralis em aço não aumentaram. Os principais carregamentos foram para as Indias e colônias britânicas e república Argentina.

As empresas das diversas companhias de caminhos de ferro das outras partes do mundo pouco ou nenhum gasto fizeram das ralis em aço, proporcionalmente aos que foram consumidos na India Inglesa e na Australia.

Eis o estado do commercio exterior da França durante o anno de 1885.

As importações elevaram-se a 4.215.877.000 francos desde o 1º de Janeiro a 31 de Dezembro de 1885, e as exportações a 3.835.036.000 francos.

Eis o mapa:

	Importação	Exportação	Saldo
Objectos de utilidade doméstica... Máquinas industriais... Objectos fabris... Outras mercadorias...	380.408.000 65.410.000 588.655.000 191.329.064.000	440.755.000 2.705.147.000 103.178.000 192.407.916.000	-60.347.000 -2.250.147.000 -15.427.000 -1.018.912.000
Total ...	4.215.877.000	4.835.479.000	-619.602.000
	1884	1885	Variação
Objectos de utilidade doméstica... Máquinas industriais... Objectos fabris... Outras mercadorias...	662.524.000 602.311.000 629.743.000 179.329.036	762.414.000 609.075.000 637.988.000 169.023.000	+99.975.000 +5.764.000 +5.245.000 +79.997.000
Total ...	3.835.036.000	4.660.500.000	+825.464.000

Segundo uma interessante memoria do celebre engenheiro-inspector geral de minas M. Jacquiot, ha duzentas nascentes d'água ministras na França.

É o departamento de Puy-de-Dôme que conta mais nascentes (130), temos depois os Pyrenées com 100; Ardèche com 77; os Vosgos com 76; Anjou com 69; os Altos Pyrenées com 64, etc.

Convém notar que as nascentes ministras são mais numerosas nos distritos montanhosos. A temperatura regula 40° c., excepto umas 30 nascentes.

A população da Europa pode ser avaliada em 340 milhões de habitantes que consomem dia a dia 84 milhões de alfinetes, isto é um alfinete por quatro habitantes.

A Inglaterra produz 34 milhões d'alfinetes (37 milhões são fabricados em Birmingham), a França 20 milhões e o resto da Europa 10 milhões.

